

Sabrina M. Aragão e Mônica Dias

Contos e Lendas Louise Michel

TRADUTORAS: Adriana Zavglija, Ana Franço



Maria Teresa Mhevel, Renata Bastiello, Shisleni de Oliveira-Macedo

Carla Renard, Caroline Micaelia, Vanessa Dalcanal



CONTOS E LENDAS

Louise Michel

Tradutoras:

Adriana Zavaglia, Ana França,
Carla M. C. Renard, Caroline Micaelia,
Maria Teresa Mhereb, Monthana Dias,
Sabrina M. Aragão, Renata T. Bastianello,
Shisleni de Oliveira-Macedo
e Vanessa Dalcanal

ema LIVROS

São Paulo

 EMA LIVROS, 2021

ISBN 978-85-67695-10-5

Contes et légendes foi publicado pela primeira vez em 1884 por Kéva et Cie Libraires-Éditeurs. A presente tradução tomou por base essa edição.

Organização **ADRIANA ZAVAGLIA E MARIA TERESA MHEREB**

Prefácio **LUCIANA CARVALHO FONSECA**

Memória de Louise Michel **MARIA TERESA MHEREB**

Nota da tradução **ADRIANA ZAVAGLIA**

Tradução

Prefácio à edição francesa de 1884 **ADRIANA ZAVAGLIA**

A neve **CAROLINE MICAELIA**

A velha Chéchette **MONTHANA DIAS**

Robin Hood **ADRIANA ZAVAGLIA E CARLA M. C. RENARD**

A herança do vô Blaise **ADRIANA ZAVAGLIA E RENATA T. BASTIANELLO**

Os dez centavos de Marthe **ADRIANA ZAVAGLIA E SABRINA M. ARAGÃO**

O pai Remy **ANA FRANÇA, MARIA TERESA MHEREB E SHISLENI DE OLIVEIRA-MACEDO**

A família Pouffard **ANA FRANÇA, MARIA TERESA MHEREB E VANESSA DALCANAL**

Revisão da tradução

A neve **ADRIANA ZAVAGLIA E ANA FRANÇA**

A velha Chéchette **ADRIANA ZAVAGLIA E MARIA TERESA MHEREB**

Robin Hood **ANA FRANÇA E MARIA TERESA MHEREB**

A herança do vô Blaise **ANA FRANÇA E SHISLENI DE OLIVEIRA-MACEDO**

Os dez centavos de Marthe **CAROLINE MICAELIA E VANESSA DALCANAL**

O pai Remy **ADRIANA ZAVAGLIA, CAROLINE MICAELIA E SABRINA M. ARAGÃO**

A família Pouffard **CARLA M. C. RENARD E RENATA T. BASTIANELLO**

Preparação **MARIA TERESA MHEREB**

Revisão final **ADRIANA ZAVAGLIA**

Capa **SOFIA VILLELA BORGES**

Diagramação **GABRIEL KERHART**

 LIVROS

Praça Marquês de Itanhaém, 51-anexo
05447-180 - São Paulo – SP
www.emalivros.com.br

SUMÁRIO

Prefácio	6
<i>Luciana Carvalho Fonseca</i>	
Memória de Louise Michel	10
<i>Maria Teresa Mhereb</i>	
Nota da tradução	16
<i>Adriana Zavaglia</i>	
Contos e Lendas	22
Prefácio à edição francesa de 1884.....	23
A neve.....	24
A velha Chéchette.....	25
Robin Hood.....	30
A herança do vô Blaise.....	35
Os dez centavos de Marthe.....	40
O pai Remy.....	46
A família Pouffard.....	55
Quem fez este livro	73

Louise Michel



chef des Incendiaires .

Louise Michel na prisão de Versalhes. Foto de Ernest-Charles Appert, 1871.

PREFÁCIO

Queridas crianças, às pequenas e às grandes,

Louise Michel escreveu *Contes et légendes* para as *queridas crianças* francesas do século XIX. Já a tradução *Contos e lendas* que vocês têm em mãos é destinada às *queridas crianças* brasileiras do século XXI, e a seus educadores e educadoras.

Pensem na mulher inteligente, crítica, corajosa, solidária, justa e revolucionária. Alguém que nunca perdeu a capacidade de se indignar com as injustiças do mundo, sobretudo no que diz respeito à violência e à opressão contra os animais e as pessoas em situação de vulnerabilidade – mulheres, viúvas, crianças, órfãos, operários e colonizados.

Nascida em 1830, Louise Michel – professora primária, militante, escritora, poeta, tradutora, conferencista, exilada política – destacou-se como uma das principais lideranças da Comuna de Paris em 1871. Seus sentimentos revolucionários são despertados na infância, consolidados ao longo de sua formação como professora e vividos intensamente em toda sua prática pedagógica e militância política.

Louise Michel escreve seus *Contes et légendes* para serem utilizados em suas aulas no ensino primário e para compartilhar, com suas *queridas crianças*, os valores pelos quais dedica uma vida inteira de luta.

Desde muito cedo, Louise reconheceu a diferença que uma boa educação pode fazer na vida de alguém, especialmente na daqueles que não têm ninguém por si. Graças à educação esmerada que recebeu, apesar da situação de filha

ilegítima, pôde percorrer um projeto de vida revolucionário e exemplar. Como afirma o jornalista e editor apoiador da Comuna, Henri Rochefort, em seu prefácio à edição francesa de *Contes et légendes* (1884): “Não haveria, para seu livro de contos, melhor prefácio que a sua própria história de devoção, sacrifício e bravura.”

Para Louise, a educação deveria compreender não só o plano do conteúdo, mas também o plano dos valores. Ambos desaguariam no plano da ação; pois Louise não acreditava em conhecimento sem experimentação ou vivência prática.

A tradução dos contos e lendas neste livro, originalmente publicados em 1872 e reeditados 1884, celebra a vida e a obra de Louise Michel e os 150 anos da Comuna de Paris. Resultado de um trabalho coletivo, é um elo entre o passado e o presente, pois os contos e lendas de Louise Michel têm muito a oferecer para nos ajudar a pensar o Brasil em termos atuais e a refletir sobre o papel que os bons livros e as mentes revolucionárias tendem a cumprir na história.

Nos *Contos e lendas* de Louise Michel, escritos para serem lidos em voz alta, com muitos momentos de emoção, humor e fina ironia, repletos de personagens admiráveis e outros nem tanto, encontramos temas que ecoam fortemente o atual momento sócio-histórico do Brasil e que são muito apropriados para o desenvolvimento em sala de aula, entre eles: a indignidade causada pela fome; a importância da educação e dos professores; a criação de consciência política e social; o valor da educação pública; as boas consequências de uma educação baseada em valores de justiça social; a vergonha e irresponsabilidade geracionais que consomem os opressores; a ofensa e humilhação causadas por atos de caridade; os efeitos da usurpação do direito à propriedade pelos poderosos; a indispensabilidade da perseverança na educação e no trabalho; o respeito aos mais velhos; o papel

das instituições públicas como creches e asilos; a sensibilidade e espírito crítico dos artistas; a independência de quem planta seus próprios alimentos; a necessidade de desfazer preconceitos; a violência praticada por aqueles que carecem de argumentos; a efemeridade da beleza física e a beleza da inteligência; a necessidade da alegria; a força da coletividade e dos vínculos entre as mulheres e entre todas as pessoas oprimidas.

Sobretudo, *queridas crianças*, nestes *Contos e lendas* vocês conhecerão crianças como vocês: inteligentes, generosas, solidárias, criativas, entusiasmadas e cheias de esperança na humanidade:

“Lembrem-se, crianças, tenham orgulho da humanidade, ela ainda é muito frágil, mas um dia será grande se as pessoas que têm inteligência, em vez de buscarem ostentar suas pobres pessoas e seus pobres nomezinhos, sentirem bater no peito e vibrar na inteligência o coração e a mente de uma geração inteira.” (Louise Michel, “O pai Remy”)

Aprenderão também que nunca é tarde para começar a aprender ou para mudar o mundo.

Manuseie-os com cuidado e divirtam-se!

Luciana Carvalho Fonseca



Louise Michel com uniforme da Guarda Nacional, 1871.

MEMÓRIA DE LOUISE MICHEL

“Sim, eu amava os canhões, o cheiro da pólvora e os estilhaços pelo ar. Mas, mais que tudo, eu estava apaixonada pela revolução”.

Louise Michel, *Mémoires*

Há certos eventos da história humana que concentram passado, presente e futuro. A Comuna de Paris é um desses eventos. Ela não apenas denuncia o *continuum* de catástrofes que, do passado, chega ao presente e ameaça o futuro, mas também, como as tochas acesas pelas *pétroleuses*, é capaz de incendiar esse mesmo passado para, no presente, fazer brilhar a chama de outro futuro possível.

Em seu aniversário de 150 anos, um elemento fundamental daqueles meses de março a maio de 1871 invadiu os debates e lembranças: a presença ardente e inapagável das mulheres. Entre as centenas de *communardes* que sacudiram Paris e ensaiaram a primeira revolução proletária socialista, estava a professora, escritora e militante política – republicana, socialista e, decididamente, anarquista – Louise Michel.

Em vida, seu nome popularizou-se por toda a porção ocidental da Europa, e não apenas entre os círculos revolucionários, socialistas ou anarquistas. Seu livro *Mémoires* (1886)¹, em que narra suas memórias da Comuna, foi, à época de sua publicação, comentado por pessoas de todas as tendências, dentro e fora da França. Como lembra Claude Rétat, uma das maiores conhecedoras da vida-obra de

1 Ainda sem tradução publicada no Brasil.

Louise Michel, no início da década de 1880, quando retornou do exílio à Paris, ela chegou mesmo a ser considerada pelo jornal londrino *The Times* como uma das três “personalidades [francesas] mais conhecidas no estrangeiro”.² Ainda hoje, dezenas de escolas e ruas francesas levam seu nome.

Apesar do imenso reconhecimento político, entre 1905, ano de sua morte, e 1968, ano dos levantes de maio e junho que tomaram a França e espalharam-se pelo mundo, apenas três edições de sua obra foram publicadas em seu país, conforme a pesquisa de Sédonie Verhaeghe. E, segundo a autora, é somente a partir dos 1970 que sua obra literária – entre as quais estes *Contos e lendas* que agora apresentamos em tradução ao público brasileiro – passaria a receber maior atenção, como resultado de um duplo movimento: a aparição de novas perspectivas de análise sobre a Comuna, por ocasião de seu centenário, e do desenvolvimento da história das mulheres.³

Neste ano de 2021, em que os debates e lutas feministas chacoalham intensamente a ordem do dia, as livrarias francesas estiveram repletas de edições de obras de Louise Michel e sobre ela. No Brasil, contudo, seu nome é, ainda hoje, pouco conhecido. Por isso, e com a certeza de que se trata de uma figura relevante para nossas genealogias feministas de escritoras, pensadoras e militantes políticas, tentarei, em alguns poucos e breves parágrafos, resumir sua longa e viva história.

Considerada umas das pioneiras do feminismo francês, Louise Michel nasceu em Vroncourt, no departamento de Haute-Marne, em 1830. Embora não reconhecida legalmente

2 Claude Rétat, “Louise Michel, comment on devient ‘projectile’”. In: Louise Michel, *Mémoires*. Paris: Gallimard, 2021.

3 Sédonie Verhaeghe, “Une anarchiste romantique? Socio-histoire de l’édition des textes de Louise Michel”. *Contextes*, vol. 30, 2021.

pelo pai, Etienne Damahis, ela passou sua infância e primeira juventude ao lado da mãe, Marianne Michel, na casa abastada de seus avós paternos (onde Marianne trabalhava). Estes lhe proporcionaram excelente educação formal, o que lhe permitiu mais tarde acessar o magistério, estudo mais prestigiado para as mulheres de sua condição. Louise tornou-se professora durante a época do Império e, ao longo de sua vida, a paixão pela pedagogia levou-a a fundar várias escolas primárias. Às vésperas da revolução de 1848, ela se tornou republicana e se aproximou de Victor Hugo, com quem manteve uma longa troca de correspondências. Por volta de 1856, mudou-se para Paris, onde continuou a exercer a profissão de professora. Lá, frequentou os clubes blanquistas (ligados ao socialista Auguste Blanqui), onde se formou politicamente.

Em 1871, durante a Comuna, além de combatente, Louise trabalhou como cozinheira e enfermeira, ajudando também a organizar a educação das crianças enquanto suas mães e pais estavam em batalha. Após a semana sangrenta (21 a 28 de maio), durante a qual pelo menos vinte mil *communards* e *communardes* foram mortos, ela se entregou ao exército, que havia prendido sua mãe, para que ela fosse libertada. Em seu julgamento, ocorrido em dezembro de 1871, pouco tempo depois do fuzilamento de Théo Ferré, *communard* a quem amava, ela confirmou todos os seus atos e, valendo-se do direito de defender-se pessoalmente em juízo, reivindicou também para si a pena de morte. A sentença que recebeu foi, no entanto, a deportação para a Nova Caledônia, território ultramarino francês no Pacífico, à época uma colônia penal, para onde foi levada em agosto de 1873 e onde permaneceu por cerca de oito anos.

Lá, conheceu os kanak, sociedade indígena colonizada pela França que ela passaria a identificar como símbolo dos povos oprimidos, de outra relação entre os seres humanos

e a natureza e também do que denominava “nova humanidade”. Louise conviveu intimamente com eles, aprendeu sua língua e traduziu seus contos e lendas, que reuniu no livro *Légendes et chansons de gestes canaques*, publicado em 1875 e reeditado em 1885.⁴ Ao escrever histórias que recebera da tradição oral, ela não apenas adotou uma perspectiva antirracista, como também procurou construir, por meio dessas histórias, uma tradição de vozes de mulheres. Um exemplo disso é o conto “Idara (la bruyère) la prophétesse” (republicado mais tarde como “Idara, la chanson des blancs”).⁵ Hoje, Louise Michel é considerada por muitas pessoas, como Claire Auzias, como uma das precursoras do anticolonialismo.⁶

Em 1880, quando foram anistiados os presos políticos da Comuna, Louise voltou a Paris, onde foi recebida por um enorme cortejo. Naquele momento, ela já era uma anarquista determinada, realizando conferências sobre o assunto e escrevendo diversos textos literários e políticos. Em 1883, após participar de um ato de trabalhadores na esplanada dos Invalides, foi presa novamente por outros três anos. Ao sair, sua principal atividade tornou-se a propaganda anarquista. Com Sébastien Faure, ela financiou a criação do jornal semanal *Le Libertaire* e, em 1889, juntou-se ao Clube da Arte Social. Vigida constantemente pela polícia, decidiu se mudar para a Inglaterra, onde viveu em companhia de anarquistas e conheceu, entre outras personalidades, Kropotkin. Morreu em Marselha, de pneumonia, em 1905, após retornar de uma viagem política para a Argélia.

4 A edição de 1885 de *Légendes et chansons de gestes canaques* (Paris: Kéva et Cie Éditeurs) está disponível para consulta no acervo digitalizado da Bibliothèque Nationale de France (BNF).

5 Cf. Raylene Ramsay, *The literatures of the French Pacific. Reconfiguring hybridity. The case of Kanaky - New Caledonia*. Liverpool: Liverpool University Press, 2014.

6 Claire Auzias, “Louise Michel”. *Verve*, vol. 10, 2006.

Louise Michel foi uma grande oradora, seus discursos mobilizaram multidões. Ela foi também uma grande escritora. Entre suas obras estão panfletos políticos, romances, contos, poesias, peças de teatro e memórias. Para citar apenas algumas: *La Marseillaise noire* (1865) e *À travers la vie* (1894), livros de poemas; *Le livre du jour de l'an: contes, historiettes et légendes pour les enfants* (1872), livro de contos infantis que mais tarde deu origem a *Contes et légendes* (1884); *Nadine* e *La grève*, respectivamente, sua primeira e última peça de teatro, e *Prise de possession* (1890), texto político em que invoca o fim da exploração e a tomada de posse, por todas e todos, de sua própria vida. No Brasil, no aniversário dos 150 anos da Comuna de Paris, algumas traduções foram publicadas e outras entraram no prelo ou começaram a ser feitas.⁷

Como tantas outras escritoras de seu tempo, Louise chegou a usar pseudônimo masculino para ser publicada com mais facilidade. Ela assinou diversos textos como Enjolras, nome dado por Victor Hugo ao jovem republicano revolucionário que é um dos protagonistas de *Os miseráveis*. Em outros momentos, adotou também o pseudônimo de Clémence. Durante o processo de edição de suas *Mémoires*, outras dificuldades surgiram em função do gênero. Louise queixou-se frequentemente do tratamento que recebia de seu editor: além dos cortes e alterações em seu texto que não passavam por sua aprovação, ela repetiu várias vezes que não lhe interessava ser *objeto* de suas memórias, mas sim *sujeito*, que escreve e deseja escrever, e que, tendo escrito, é respeitada como escritora. Nesta nossa tradução de seus *Contos e lendas*, que, até onde tenho conhecimento, é a

7 Além destes *Contos e lendas*, a editora Autonomia Literária publicou *Prise de possession* sob o título *Tomada de Posse*, na tradução de Fabiana Vieira Gibim e Gustavo Racy. Tenho também notícias de que editoras anarquistas estão preparando publicações de Louise Michel para o ano de 2022.

primeira de seus textos literários entre nós, não poderíamos fazer jus à sua vida-obra sem o reconhecimento literário destes contos e sem o reconhecimento político da mulher que os escreveu.

Hoje, quando o nome de Louise Michel é invocado na França até mesmo por pessoas alheias, senão completamente avessas, às suas ideias e práticas políticas,⁸ gostaria de apresentá-la às leitoras e leitores brasileiros como alguém que jamais separou o ato de escrita literária e a propaganda revolucionária. Como mulher e como anarquista, a literatura, e a arte de modo geral, para adultos ou crianças, sempre foram para ela um ato de militância e ação direta. O compromisso pedagógico dos contos que vocês podem ler neste volume é evidente: trata-se de um compromisso estético e político com a transformação do mundo. Nessa transformação, as crianças têm um papel fundamental: elas são o anúncio do futuro. É com elas e para elas que lutamos por justiça, por igualdade social e política entre todos os seres humanos, pelo fim da propriedade privada e da exploração econômica, pelo fim do sexismo, do racismo e da destruição da natureza, pela construção de laços entre pessoas verdadeiramente livres.

Que Louise Michel e a Comuna de Paris possam incendiar nossos sonhos e utopias coletivas!

Maria Teresa Mhereb

8 Cf. Sédonie Verhaeghe, “Faut-il encore appeler Louise Michel la Vierge rouge?”. *Cahiers d'histoire*, vol. 148, 2021.

NOTA DA TRADUÇÃO

No segundo semestre de 2021, ofereci a disciplina de graduação “Tradução Comentada II do Francês”, de teor literário, junto ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com a monitoria de Maria Teresa Mhereb, pelo Programa de Aperfeiçoamento do Ensino (PAE/USP). Na ocasião, solicitei às alunas, aos alunos e à monitora a sugestão de títulos de autoras e autores que pudessem se tornar nosso objeto de tradução e reflexão. Democraticamente, escolhemos trabalhar com um dos textos de Louise Michel (1830-1905), autora sugerida por Maria Teresa e por ela apresentada neste volume. Dentre os contos da escritora, ainda não conhecidos em língua portuguesa, foi selecionado “La vieille Chéchette”, texto do século XIX que levantava questões significativas não só de tradução, mas outras muito atuais, como as relativas ao feminismo.

Ao longo dos trabalhos, sugeri que fizéssemos a tradução integral do livro em que constava esse conto de Louise Michel como uma maneira de homenageá-la por sua múltipla condição de mulher. Tal volume seria traduzido em parceria entre mulheres tradutoras do Laboratório de Estudos da Tradução⁹ e aquelas ligadas ao Coletivo Sycorax e ao grupo de estudos Tradução em Relação (cf. seção “Quem fez este livro”, neste volume); contaria ainda, e principalmente, com uma das traduções realizadas durante a disciplina, escolhida mediante banca para esse fim em Concurso de Tradução.

9 Para mais detalhes: <https://let.fflch.usp.br/>.

Poderia dar certo! O júri seria formado por essas mulheres, à exceção das organizadoras deste volume, já que era necessário manter o anonimato das alunas e alunos participantes. Por coincidência, a tradução escolhida foi a de uma mulher. Tínhamos, então, somente tradutoras mulheres! Mais uma homenagem à feminista que foi Louise Michel. Mas ainda faltava a capa... Quem faria a capa? Por indicação de Ana França, Sofia Villela Borges juntou-se a nós para realizar, lindamente, a arte que emoldura esta nossa tradução. Restava, porém, um pequeno detalhe: levar a público tudo isso! Foi então que, mais uma vez por sugestão de Maria Teresa, entramos em contato com a editora feminista Ema Livros, que abraçou nosso projeto e topou trazê-lo à luz, ainda nos presenteando com o prefácio de Luciana Carvalho Fonseca, que gentilmente aceitou nosso convite.

No andar dessa carruagem, elaboramos um cronograma de tarefas que somente as mais apaixonadas das almas, em meio à pandemia de Covid-19, seriam capazes de realizar. Foi assim, nesse desatino, que, além de tudo, ainda fizemos em dupla ou trio, num vai-e-vem infrene, a revisão das traduções umas das outras (cf. ficha técnica deste livro). O espírito desta tradução não deixa de ser, portanto, coletivo. Assim como o desta nota, de cuja escrita e revisão participaram todas essas incríveis mulheres.

Falta ainda outro detalhe importante: que livro de contos é esse?

Louise Michel publicou, em 1872, *Le livre du jour de l'an: contes, historiettes et légendes pour les enfants* (Paris, J. Brare), com um poema e dezoito contos e lendas. Uma versão reduzida desse volume foi publicada em 1884, *Contes et légendes* (Kéva et Cie.), com o mesmo poema e cinco dos textos anteriores, acrescidos de “Le père Remy”. É este o livro cujos contos e poema foram aqui traduzidos integralmente, incluindo o

prefácio manuscrito de Henri Rochefort. Embora a edição de 1884 tenha sido nosso texto-fonte, a de 1872 nos serviu de material para cotejo tipográfico. Tal é a pequena história por detrás da publicação desta tradução.

E, como toda tradução, ela é o que é: uma tradução. Aqui, vocês não terão o original de Louise Michel em português. Ela o escreveu em francês em 1872, para aquelas leitoras e leitores franceses! Aqui, vocês terão a nossa bem intencionada tradução. E, como diz o ditado, o inferno está cheio de boas intenções. Jogue a primeira pedra a tradutora ou o tradutor que não foi ao inferno por conta de suas boas intenções. Aqui vão algumas.

Em nosso projeto de tradução, decidimos ancorar o texto na cultura francesa e no estilo da autora. Desse modo, nomes próprios foram conservados em francês; elementos culturais foram traduzidos literalmente (se necessitarem, é possível consultar enciclopédias); repetições e, ao mesmo tempo, a riqueza vocabular, as construções sintáticas recorrentes e as rimas identificadas foram, na medida do possível, reconstruídas. Por outro lado, queríamos um texto natural. Por isso, nos demos ao trabalho de contar cada conto em voz alta, para nós ou para outras pessoas. Daí pudemos ter uma ideia da oralidade ali presente: funciona melódica e ritmicamente? Do que apresentamos aqui, acho que sim.

Como acabo de dizer, não há como fugir da oralidade no discurso de Louise Michel. Este foi um dos aspectos ao qual demos muita atenção. Esse elemento possui muitas dimensões, algumas mais explícitas, mas não menos complexas, como aquelas do conto “A herança do vô Blaise”: embora saibamos que um erro de conjugação verbal jamais terá o mesmo valor em duas línguas diferentes (e essa é uma das belezas da tradução!), não poderíamos deixar de marcar

um *je verrons* (ao pé da letra, “eu veremos”), que traduzimos por “nós vai ver” na fala de Jeanette.

Por alguns momentos oscilamos em questões lexicais. Foi o caso de *sous*, em “*Les dix sous de Marthe*”. Uma palavrinha tão simples, tão cotidiana, mas tão polissêmica, indicando tantos caminhos de tradução! Para evitar o aspecto datado ou coloquial de “conto” (dez contos brasileiros, naquela época, eram muita coisa; e hoje é mais uma gíria, como “dez paus”, “dez pilas” etc.), pensamos em “moedinha”, “As dez moedinhas de Marthe”, mas, por conta do enredo, optamos por “centavos”, e ficamos com “Os dez centavos de Marthe”, que dá a ideia de ser pouco e de ser uma só moeda (vocês saberão por que ao ler o conto).

Também havia um vocabulário específico relacionado à natureza em “*A velha Chéchette*”. Nomes de árvores e frutos aparecem pontualmente, como *baies* (“bagas”), *glands* (“bolotas”), *sorbiers* (“tramazeiras”), para os quais fizemos traduções literais. Já a diversidade das palavras que descreviam o modo de ser e de agir da personagem principal, como *être* (“ser”), *créature* (“criatura”), *grognement* (“grunhido”), foi um contraponto para as repetições, como *bois* (“bosque”), *se moquer/moquerie* (“zombar/zombaria”), *pauvre folle* (“pobre louca”), cujo contraste mantivemos. Para ganharmos em naturalidade nesta primeira tradução dirigida ao público brasileiro, descomplicamos algumas estruturas sintáticas, como *On eut beau faire la chaîne pour entretenir les pompes, le feu ne ralentit pas* (“Foram inúteis os esforços para apagar o fogo, pois ele não diminuía”) e *Elle ne revenait jamais de ses sympathies ni de ses antipathies* (“Ela gostava e odiava com igual intensidade”).

Do mesmo modo, não era possível deixar de lado o teor poético do texto de Michel. Em “*Robin Hood*”, por exemplo, a escolha de “sovina” em detrimento de “avaro”,

“mão-de-vaca” etc. tem a ver com isso. Foi a partir daí que fizemos combinações como “vetusto sovina”, ecoamos sons como em “tochas de resina, o sovina...”, fizemos aliterações como em “solitários e sovinas” etc. Mas esse, que se repete em quase todos os contos, foi o menor dos nossos problemas.

Em “O pai Remy”, algo mais inquietante apareceu: ali tínhamos, de fato, de lidar com versos, na dicção da própria personagem principal e na verborragia de outra, o pai Christophe. Procuramos recriar em português a métrica e a rima dos poemas, zelando, ao mesmo tempo, por sua melodia e musicalidade, ou pela ausência delas. Ainda nesse conto tivemos de lidar com referências culturais. É o caso dos almanaques franceses *Le Messager Boiteux* e *Le Grand Conteur* e do verso do primeiro canto de *L'Art Poétique*, de Nicolas Boileau-Despréaux, citados no texto original. Para evitar notas de rodapé, preferimos deixar-lhes pistas. Questões anedóticas e culturais aparecem em todo o volume. As indicações estão por aí, basta prestarem atenção!

Com o mesmo cuidado, traduzimos o poema que dá início ao volume: “A neve”. Ali, temos três estrofes de sete versos octossilábicos, em rimas ABABCCB / CDCDEEC / FGFGHHG, o que foi levado em consideração na tradução que propomos. Além da atenção dada ao esquema métrico e rímico, buscamos cuidar (talvez mais!) para que a fala direta e clara de Michel fosse preservada. Isso significa que as inversões sintáticas foram evitadas tanto quanto possível e que as escolhas lexicais foram em direção à justeza das palavras que interpretamos em francês. Esse poema introdutório é também o momento em que o clima do livro se instaura: leiam-no em voz alta!

O poético também aparece em “A família Pouffard”. Ali, os nomes próprios são um caso à parte. O próprio título

do conto já dá sinais sobre o ridículo e o risível das personagens: *Pouffard* nos leva ao verbo *pouffer*, às expressões à *pouffer*, *drôle au point de pouffer de rire*, ao advérbio *pouffement*, que têm a ver com “cair na gargalhada”, mas também com “se segurar para não rir”. Como corremos contra o tempo para publicar esta tradução ainda neste ano de 2021, em comemoração aos 150 da Comuna de Paris, de que a autora participou ativamente, decidimos, por enquanto, seguir nosso protocolo inicial de tradução e conservar os nomes das personagens em francês. Também conservamos as versões diferentes do sobrenome da família (“*Pouffard*” e “*de Pouffard*”), além dos nomes das três graças gregas (tal qual nas edições de 1872 e 1884): *Aglaé*, *Chloé* e *Euphrosine*, em lugar de *Aglaé*, *Thalie* e *Euphrosine*. Nos contos de Louise Michel, nada parece um descuido, e sim uma escolha consciente.

De todo modo, logo voltaremos com mais tempo e com outros projetos. Por ora, aproveitem como puderem estes *Contos e lendas* de Louise Michel, que lhes contamos com a nossa voz e com nossas melhores intenções, para que vocês os multipliquem com suas filhas e filhos, alunas e alunos ou amigas e amigos.

Adriana Zavaglia

CONTOS E LENDAS

PREFÁCIO À EDIÇÃO FRANCESA DE 1884

Minha cara Louise,

Não haveria, para seu livro de contos, melhor prefácio que a sua própria história de devoção, sacrifício e bravura. Mas esse prefácio se endereçaria aos adultos, e você escreveu este volume apenas para as crianças.

Eu me contentarei, portanto, em dizer neste prefácio que os belos contos que acabo de ler, do primeiro ao último, são os únicos que falam ao coração e à inteligência da infância, em vez de desequilibrarem o raciocínio ou falsearem a imaginação por invenções como as do Pequeno Polegar, em que um pai e uma mãe abandonam seus doze filhos na floresta a fim de não terem mais a obrigação de alimentá-los, ou do Barba Azul, em que se dependura uma mulher a uma viga como se fosse uma carne de açougue.

Seus contos é que são bons, minha cara Louise, são os que elevam, não os que degradam.

Henri Rochefort

A NEVE

Um vento de inverno sussurra,
A neve pela estrada avança;
Entrem, que a noite está escura,
Deixem as mãos quentes, crianças.
E já que estão na aprendizagem,
Tomem este livro de imagens,
Com tantas distantes lembranças.

Jovens também, os personagens,
Hoje, porém, já não o são:
Como as ondas que vão e vêm,
Os dias vêm e logo vão.
Vamos ver as morais antigas,
As terras rústicas, longínquas,
Ou o que os sonhos nos trarão.

Vocês terão o conto e a história,
Ouvindo a alegria e as tristezas,
E o tão pouco que pesa a glória
E de que valem as grandezas.
Felizes, se essa consciência
Do passado e da experiência
Puder lhes trazer mais destreza!

A VELHA CHÉCHETTE

Existem seres tão desafortunados, tão estranhos aos olhos e aos ouvidos das pessoas, que sua mera aparência já é motivo de análise para uns e de zombaria para outros.

Muitos desses seres não foram sempre assim: uns sofreram algum incidente moral ou físico, outros, por terem se entregado ao cansaço ou à preguiça, foram ladeira abaixo e, uma vez iniciada a queda, não encontraram mais razões para se levantar.

Outros ainda (o que é vergonhoso para a humanidade) se tornaram assim por força das perseguições. – A maioria não padeceu desde que nasceu.

Chéchette era uma pobre mulher que sempre tinha sido vista como velha como louca. Para sujeitinhos ruins, são duas características ruins, pois eles estão longe de respeitar uma e outra.

A casa de Chéchette era o bosque, sua reserva era o bosque; o ninho de sua infância e a segurança de sua velhice eram sempre o bosque.

De onde ela vinha? Ninguém sabia, nem mesmo ela. A primeira vez que foi vista, já velha, saía de um outro bosque onde tinha sido criada e sua mãe, acabado de morrer.

Chéchette amava a mãe à sua maneira. Após sua morte, foi embora para outro vilarejo e lá se estabeleceu no meio da floresta.

Era uma criatura estranha, provavelmente o último rebento de alguma raça nômade.

Durante o verão, ela se alimentava de frutos selvagens e, para o inverno, construía sua reserva, que consistia de bagas vermelhas das tramazeiras, nozes oleosas, bolotas, enfim, todas as riquezas da floresta.

Às vezes, os esquilos, os javalis e os ratos visitavam sua reserva, pois na gruta que lhe servia de abrigo ficava tudo em conserva e sempre a perigo. Se, voltando de uma longa caminhada, não encontrasse mais nada, Chéchette recomçava suas provisões. Se algum incidente ocorresse no inverno, ela ia até o vilarejo e pedia pão.

Uns se apiedavam da pobre louca e enchiam generosamente o trapo que lhe servia de avental ou lhe davam outras vestimentas cordialmente; a esses, ela desejava, em sua língua, uma infinidade de coisas boas.

Outros zombavam dela. Chéchette emitia, então, um forte grunhido; era, quem sabe, seu jeito de desejar o mal.

O alimento que lhe davam era um pouco menos grosseiro que o seu próprio, costumeiro, e, enquanto durava, lhe parecia uma sucessão de banquetes, que forjava. De vez em quando ela comia tanto de uma só vez que adormecia durante um longo tempo, como as serpentes e os lagartos.

A forma das vestimentas lhe era indiferente: masculina ou feminina, pouco importava. Mas ela gostava muito dos ornamentos, sobretudo quando havia coisas que brilhavam.

As crianças maldosas lhe ofereciam, às vezes, roupas enfeitadas com guizos e outras coisas ridículas, mas, se tivessem o azar de rir, Chéchette lhes atirava o presente de volta na cara. Com frequência, ela podia até mesmo adivinhar suas más intenções, pois tinha um instinto muito aguçado.

Aqueles que viram as estatuetas de feições distorcidas da Idade Média, como caretas, podem ter uma ideia de como era Chéchette.

Ela era horrivelmente manca e tão caolha que seu olho esquerdo quase não aparecia mais.

Sua boca, largamente aberta, deixava à mostra todos os dentes, à maneira do orangotango – ou do gorila.

Suas mãos, enormes, nodosas e peludas, seus pés largos, a juba densa de cabelos ruivos que se misturava às sobrançelas, tudo nela lembrava os mais feios gnomos, os mais horríveis símios.

Aquele ser se apegava muito facilmente, amava como um cão e seria até mesmo capaz de morder.

Ela gostava e odiava com igual intensidade.

Quanto aos animais selvagens, eles nunca atacaram Chéchette, provavelmente porque a consideravam um membro de sua família.

A pessoa à qual ela tinha até então demonstrado a maior afeição era uma pobre viúva, mãe de três crianças pequenas.

Quando Madeleine Germain ia recolher lenha, Chéchette estava sempre lá para ajudá-la a fazer os feixes, ou ainda para fazer grandes fardos, que ela carregava até sua casa com uma facilidade incrível.

O bosque era seu domínio; ali, ela adquiria um outro ânimo, diferente daquele que apresentava no vilarejo. Ali, Chéchette parecia mais um ser sobrenatural do que grotesco.

Os maldosos do vilarejo zombavam muito de Madeleine por conta daquela amizade. Eles riam, sobretudo, quando ela deixava a horrível velha embalar em seus longos braços suas crianças pequenas, que brincavam com ela como fariam com um cão fiel.

As crianças não se divertiam menos por isso, e Madeleine se preocupava bem pouco com os comentários maldosos.

Uma noite de verão, em que todos dormiam profundamente após um longo dia de trabalho no roçado, ouviu-se

ecoar o único grito que faz com que todos no campo se levantem: Fogo! Fogo!

Por que todos os outros perigos que podem atingir seus semelhantes deixam os habitantes do campo indiferentes?

É horrível pensar que seria por um sentimento de egoísmo, já que, em um incêndio, cada um temeria por sua própria moradia. Mas o que acontece com frequência é que desventurados pedem por ajuda durante muito tempo e morrem sem socorro.

Naquela noite, como se gritava fogo, todos se levantaram prontamente.

A casa de Madeleine queimava como uma tocha: um de seus filhos tinha acendido, ao brincar, uma pequena fogueira perto de uma porta e, durante a noite, a pobre cabana de madeira e palha tinha começado a chamuscar.

Foram inúteis os esforços para apagar o fogo, pois ele não diminuía.

Madeleine tinha nos braços dois de seus filhos e lutava desesperadamente contra aqueles que queriam impedi-la de ir buscar o terceiro no meio das chamas.

Todos achavam que o pequeno estivesse perdido.

De repente, viu-se alguém entrar decididamente no meio das chamas: era Chéchette. Ela tinha percebido que faltava uma das crianças. As vigas de madeira carbonizadas desabavam com estrondo, o fogo se revirava soberbo e triunfante, lançando suas mil línguas em direção ao céu.

Alguns instantes se passaram. Chéchette reapareceu com a criança nos braços e a colocou, inconsciente, diante da mãe.

Ela estava bela assim, a pobre louca, naquele ato de devoção que iria custar-lhe a vida.

Seus cabelos, seu rosto, todo o seu corpo estavam cobertos de grandes queimaduras. Seu olho brilhava com um júbilo infinito.

Chéchette, esgotada, caiu para nunca mais se levantar. Quanto à criança, recuperou rapidamente a consciência, pois Chéchette tinha coberto seu corpo com seus trapos para protegê-la.

Ainda hoje, Madeleine e seus filhos vão com frequência ao cemitério colocar, sobre a relva que recobre a pobre louca, as flores do bosque que ela tanto amava.

Nunca zombem nem dos loucos nem dos velhos.

ROBIN HOOD

A imaginação do povo, instigada pelo som da corneta e dos latidos das matilhas no silêncio dos bosques, personificou suas impressões com o nome de Barbatos, Duque dos Infernos.

Diz a lenda que ele entende o canto dos pássaros e o uivo dos lobos; compreende o cervo que brama e a folha que estala quando se desata, indo juntar-se às suas irmãs nas valsas do vento.

Ele conhece os tesouros perdidos, as cavernas e as eiras.

Diante dele, quatro reis tocam a corneta, e ele conduz, de um canto a outro do mundo, a caçada das sombras.

É de Barbatos que foram feitos os robins hoods, os caçadores negros, os monteiros-mores e todas as caçadas fantásticas imaginadas à noite nos bosques.

O vento sopra forte? Há tormenta nos bosques? As crianças dos vilarejos ainda acreditam, como suas avós, que é a caçada do monteiro-mor que passa, em grande estrondo.

Às vezes, a tempestade uiva como os lobos, ressoa como as trompas; então se diz, em torno das grandes lareiras, onde toda a família se reúne para se aquecer: Robin Hood está caçando.

Essa crença serviu, há alguns anos, para fazer tomar jeito um velho camponês sovina que, tendo enterrado seu tesouro ao pé de um carvalho, achava que toda fortuna devia ser guardada numa meia velha, fechada num pote, sob a terra, e não usada para ajudar os outros.

Quando digo “tomar jeito”, não significa que ele tenha melhorado, pois o interior de um sovina nunca é bom; mas, por fim, ele fez, graças ao medo, uma boa ação.

O medo! Que motivo vergonhoso! Mas o que esperar de um sovina?

O velho Mathieu era rico, como poderia ser diferente? Diziam que quando ele gastava um pouco, sempre guardava a metade desse pouco.

Como fazia ele? Não sei. Como tinha ele conseguido suas terras e todo o dinheiro que escondia no bosque ao pé de um velho carvalho? Sei menos ainda.

Em todo caso, seu dinheiro, ali escondido, não servia nem de alimento para os vermes nem de adubo para as trufas.

Toda vez que o velho Mathieu tinha alguma moeda de ouro para juntar a seu tesouro, ele esperava uma noite bem escura e ia ao pé do carvalho, onde, à luz de uma lanterna surda, contava seu dinheiro tremendo de medo e também de afeição; pois amava aquele tesouro como se ama a família, o país, a mãe, tudo o que se tem de mais valioso no mundo.

Assim, uma noite, de joelhos ao pé do carvalho, ele acabava de contar, tremendo, seu ouro, acariciando-o com a mão como se o fizesse a uma criança, e pensando que, se tivesse se casado, sua mulher o teria gastado para seus caprichos, que ele teria tido filhos a educar, que tudo isso custa por demais e que, ficando sozinho, ele pôde tanto acumular. Só lamentava não poder viver sem comer.

Mas não lamentava ter ficado órfão muito cedo; preferia seu tesouro a uma família.

Apenas uma coisa o incomodava: não enterrariam seu ouro com ele. Além de pensar nisso, também tinha pavor de que o surpreendessem.

Por isso, tinha o maior cuidado de virar para si a luzinha de sua lanterna, e o mínimo barulho de vento nas folhas o fazia estremecer.

De repente, uma luz vermelha apareceu ao fundo de uma aleia coberta, e ao mesmo tempo uma grande caçada, uma caçada fantástica, como aquelas das lendas, veio em sua direção; os cães não emitiam som algum, apenas farejavam a pista; os caçadores a cavalo não tocavam a fanfarra; era a caçada do Monteiro-Mor, mas com o silêncio da morte; uma verdadeira caçada de fantasmas.

O velho Mathieu acreditava em todos os caçadores fantasmas, muito mais piamente que em sua consciência, algo que nunca tinha tido. Apertou o tesouro contra o peito, sob a camisa, e se escondeu atrás da árvore, numa moita muito densa com uma entrada que ele deixava pronta caso houvesse alguma surpresa.

Viu os caçadores pararem e, à luz das tochas de resina, o sovina, apavorado, percebeu o pelo do lombo dos cães firmemente em pé; os animais, cujos olhos pareciam cheios de pavor, farejavam sem parar por todos os lados. Até as crinas estavam eriçadas nos cavalos.

Nesse momento, uma trompa distante soou o toque de rendição: cavalos, cães e caçadores precipitaram-se em sua direção.

Mathieu ouviu galhos estalando e os pés dos cavalos castigando a terra, num galope assustador.

Era realmente, pensava ele, o Monteiro-Mor, o Robin Hood.

O vetusto sovina teve tanto medo que pensou ser a sua hora.

Morrer, para ele, era deixar seu tesouro. Mas, ao contrário do que lhe era de costume, ele temia tanto por sua vida quanto por seu ouro; o perigo era iminente.

Quando o bosque voltou a ficar silencioso, ele se aventurou a sair de seu esconderijo levando seu ouro, do qual não

queria mais se separar, independentemente do perigo que corria ao levá-lo consigo.

De volta ao lar, uma espécie de casebre em ruínas, verdadeira morada de solitários e sovinas, ele se deitou atônito, sempre segurando nos braços o velho pote com a meia cheia de moedas de ouro.

Assombrado, ficou destroçado; e, como não precisasse mais fugir, permaneceu desacordado em seu leito.

Fazia dois dias que ninguém via o velho Mathieu; como ele já tinha bastante idade, pensaram que podia estar doente ou morto, e seus vizinhos foram bater à sua porta, atrás da qual ele tinha feito uma sólida barricada.

Sem resposta alguma, os vizinhos foram à procura do prefeito.

Este colocou a sua faixa oficial, muito comum naquele lugar, mas muito pequena para ele, porque seu antecessor era extremamente magro, e ele, extremamente gordo; mas, com a ajuda de um cordão, conseguiu ajeitá-la. Levaram o serralheiro para abrir a porta, os membros da câmara municipal para servirem de testemunha, e procedeu-se à abertura.

Não se tratava apenas de girar uma chave na fechadura; havia, atrás da porta, a tal barricada de móveis. Achavam que Mathieu tivesse endoidado e, como não ouviam nada, que tivesse se enforcado.

Levaram uma hora para derrubar as velhas arcas amontoadas atrás da porta, e depois disso encontraram Mathieu, deitado, pálido e frio.

Pensaram então que deviam chamar o médico; mas enquanto iam atrás dele, o prefeito, ao tirar as cobertas para ver se o coração de Mathieu ainda batia, com sua mão tocou o pote e um grunhido saiu da garganta do sovina.

Na verdade, tinha tocado não o pote, mas seu coração. Então tudo foi descoberto; Mathieu voltou à vida.

Ele preferiu não contar sua aventura no bosque; mas tinham visto seu tesouro. Sem mais poder guardá-lo com ele, decidiu colocá-lo num lugar que fosse rentável e seguro.

O sovina foi então atrás do prefeito. Este, que era um bom homem, colocou na cabeça que faria Mathieu realizar uma boa ação. Aquilo surpreenderia a todos.

– Meu velho Mathieu, disse-lhe ele, antes de depositar tudo isso, você deveria fazer algo que o deixasse feliz. Aqui temos a senhora Nicole, que é viúva e mãe de sete filhos; um lobo enfurecido atacou sua vaca e os pobrezinhos não têm mais nada. Que tal comprar para ela uma bezerra? Não custa muito e faria bem a você.

Em seguida, tagarela que era, o homem contou a Mathieu sobre a bela caçada ao canídeo, que tinha deixado inquieta a vizinhança; todos os caçadores da região estavam lá, separados em dois bandos, e acabaram matando o animal durante a madrugada. Os cavalos e os cães estavam com tanto medo que suas crinas e seus pelos ficaram eriçados. Os cães não emitiram som algum, o que provava que o lobo estava realmente enfurecido.

O velho Mathieu entendeu que se tratava de sua caçada de Robin Hood, durante a qual pensou que poderia perder a vida e o dinheiro; sem saber o que fazia, contou cem francos para a bezerra de Nicole, como se estivesse comprando alguma coisa.

Quando se deu conta do que tinha feito, não dava mais tempo. Nicole teve sua vaca e o prefeito ajudou o vetusto sovina a encontrar um lugar seguro para seu tesouro: ele tinha em sua meia cem mil francos em ouro e em cédulas de banco.

A HERANÇA DO VÔ BLAISE

O velho Blaise era o mais rico fazendeiro da região. Além das lavouras que cultivava para outros, em parte ou por inteiro, ele tinha, em seu nome, bens consideráveis.

Sua filha tinha sido educada no melhor internato do vilarejo e seu filho tinha acabado de se formar, com um futuro de fazer inveja a qualquer um.

Margot, sua senhora, era uma pessoa muito amável; nunca ficava de mau humor em momentos de tormenta.

Os empregados estavam felizes na fazenda; entretanto, o velho Blaise estava triste, tão triste que pensavam que morreria do mesmo modo que seu pai e seu avô; também eles foram acometidos pela tristeza, sem que se pudesse saber a causa.

Frequentemente, os dois filhos, Rose e André, conversavam sobre isso com sua mãe.

– Você, que se considera tão sabido, dizia Margot a seu filho, por que não tenta curar seu pai dessa tristeza?

André fazia tudo o que podia, mas não conseguia ajudar.

Mesmo que ele ficasse falando horas a fio sobre suas façanhas escolares, Blaise se contentava em escutá-lo seriamente, pois as histórias eram interessantes, mas sem esboçar qualquer sorriso.

Em desespero de causa, Rose foi, sem nada dizer, procurar a velha Jeannette.

Era uma camponesa que tinha quase cem anos.

Assim, tendo visto inúmeras vezes nascerem e morrerem pais, filhos e netos e conhecendo a história de cada família, Jeannette dava, às vezes, ótimos conselhos, o que a fazia passar por uma pessoa muito sagaz.

Rose foi, então, consultar Jeannette sobre a tristeza de seu pai.

– Moça, minha filha, disse a velha, nós sabe bem disso tudo; mas não é lá muito bom de falar.

Rose insistiu tanto, prometeu de tal forma segredo, e ainda, no fundo, a velha Jeannette queria tanto contar à mocinha tudo o que sabia e procurar com ela um jeito de curar o pai, que ela disse sim.

– Meu avô me contou, disse a velha, que em outros tempos, aqui neste vilarejo, a fome foi tanta que quem possuía um pouco de terra, quando tinha filho, dava a terra inteirinha por um saco de farinha, de milho ou de aveia.

Rose tremia... O avô de Jeannette! Ela tinha cem anos, então isso tudo devia ser bem antigo! E a moça não sabia por que, tendo ouvido apenas o começo da história, já estava com medo.

– E daí, continuou a velha, o bisavô do seu pai, o tal François Blaise, começou a comprar uma terrinha aqui, outra ali, daqueles que não queriam deixar morrer de fome os filhos ou os pais idosos.

Rose desatou a chorar.

– Moça, minha filha, disse a velha, você que quis saber.

– É, dona Jeannette, disse a jovem, eu preciso saber de tudo para que meu pai se cure.

E, secando as lágrimas, escutou com determinação.

Jeannette continuou:

– François Blaise já era rico, casou e ficou ainda mais rico, mas tinha um monte de família arruinada no vilarejo. Ele não aguentou não, isso tocou ele lá no fundo e ele morreu.

Eu acho que ele falou alguma coisa pro filho dele na hora da morte, mas o filho também não teve coragem de fazer nada, se afundou na tristeza na mesma idade e morreu. O senhor seu pai já é o quinto.

Rose tinha encontrado o motivo; mas precisaria dizer a seu pai que conhecia o segredo.

– O que a senhora faria em meu lugar, dona Jeannette?, perguntou ela.

– Moça, ô mocinha, isso já é delicado!, disse a velha.

– Afinal, dizia a pobre moça, de mãos juntas, como devolver essas malditas terras sem levar a desgraça a nosso pai?

Sem refletir, a velha deixou escapar estas palavras:

– Faz muito tempo que nós pensa, eu mais Jean-Claude: dá muita pena deixar morrer um pobre homem tão bom que vai fazer falta pra tanta gente.

– Meu pai, perguntou Rose, ele nunca tentou devolver alguma coisa?

– Moça, ô mocinha, desde o tempo do mais longe dos avós dos seus avós, eles deram um jeito de ajudar em segredo as famílias; mas isso ainda era pouco pra consciência deles, e com o senhor seu pai é a mesma coisa.

A confiança e a dor de Rose tinham tocado tanto a bondosa mulher que as duas se puseram a chorar. Mais uma vez sem refletir, logo ela que tinha uma cabeça tão boa, como diziam por ali, disse:

– Nós vai ver isso com o Jean-Claude!

Mal tinha dito essas palavras, Rose exclamou:

– Eu entendo, dona Jeannette, a senhora e o Jean-Claude descendem das famílias que fizeram essas trocas tão infelizes.

A velha não respondeu. Rose continuou:

– Não diga não para o que vou lhe pedir. A senhora e Jean-Claude já têm certa idade, embora ele seja o mais novo de seus sobrinhos; vocês irão morar conosco; meu pai

sofrerá menos e vocês serão bem tratados, bem felizes!

Ao falar assim, a pobre moça enrubesceu, porque no fundo as terras, tão estranhamente adquiridas por seu antepassado, eram muito mais de Jeannette que dela.

A velha teve pena da moça.

– Bom, digo que sim, já que não tem outro jeito!

Rose não dormiu naquela noite. Foi realmente um milagre que a tinha levado até Jeannette.

No dia seguinte, Rose levou a velha centenária e seu sobrinho, Jean-Claude, o velho pastor, até seu pai.

– Pai, disse Rose, trago aqui uma companhia que você vai apreciar. A partir de agora, esses bons velhinhos vão morar conosco.

Blaise enrubesceu e então empalideceu, e depois, como se dizia por ali, seu coração apertou; e, rompendo em lágrimas, ele contou como, de pai para filho, ao saberem da trágica história, iam se escondendo daquela grande vergonha. Eles só podiam ajudar os descendentes daqueles infelizes com quem seu antepassado tinha feito aqueles trágicos negócios e amenizar os terríveis sofrimentos pelos quais cada um teve de passar.

Jean-Claude chorava, enternecido.

– Não tem nada, seu Blaise, disse Jeanette, só sobrou Jean-Claude mais eu desse povo todo aí, e nós veio morar com o senhor pra sempre. Na confiança, nós vai deixar de herança pro André e pra Rose tudo o que o senhor acredita que é nosso, mesmo que o senhor tenha dado valor pra isso aos pouquinhos; mas eu não sei por que isso não era suficiente pro senhor.

“E pronto!”, como dizia Jeannette. Tudo foi feito como Jeannette tinha dito. Eis o motivo pelo qual Blaise não morreu de tristeza, como seu pai e seus avós.

E eis porque Jeannette, vestida com seus adornos mais brilhantes, isto é, com um chapéu daqueles que se usava no tempo de sua juventude e com um corpete em bico vermelho sobre uma saia listrada, assistiu aos casamentos de Rose e de André com os filhos de Nicolas Garoui, o Bretão, que, assim como eles, tinham bom coração e tinham sido bem educados.

OS DEZ CENTAVOS DE MARTHE

Ah! As festas de fim de ano! Quantas coisas são desejadas, quantas coisas são ditas.

Aqui está uma dessas coisas que são contadas; quanto àquelas que são desejadas, aqui vai outra: *vivam e morram em paz com sua consciência.*

A pequena Marthe tinha ganhado muitos brinquedos e uma quantidade enorme de doces. Como ela só tinha seis anos, nem dava meio-dia e já estava cansada dos brinquedos e empanturrada dos doces.

Então, Marthe pediu à sua tia-avó, que a mimava muito, que saíssem para passear.

A boa velhinha não levou muito dinheiro, pois sabia que nada recusaria a Marthe enquanto tivesse algum, e ela não queria ensinar a menina a esbanjar por capricho.

O dia estava bonito, mas fazia bastante frio; Marthe enfiava seus braços, tanto quanto podia, num regalo quase maior que ela.

As avenidas estavam tão cheias de banquinhas e Marthe comprou tanta coisa, em tão pouco tempo, que logo a tia ficou só com uma moeda de dez centavos.

A menina estava com os braços e o regalo carregados de objetos bem barulhentos, que custavam muito pouco e não valiam quase nada.

Sabendo que não tinha muito mais para gastar, ela se lembrou de pensar nas criancinhas que tinham passado o final do ano sem brinquedos e sem doces.

Era muito cruel ter pensado nisso tão tarde, mas Marthe tinha apenas seis anos e, no fundo, não tinha um coração ruim.

De resto, sua tia a mimava demais e de uma forma que não era nada sensata.

Bem na hora em que ela começava a pensar nos outros, já um pouco tarde, duas crianças, menores que ela, lhe chamaram a atenção; elas eram tão pálidas e pareciam tão tristes que chamaram do mesmo modo a atenção da boa tia.

O mais velho, vestido muito apropriadamente de preto, mas de forma leve demais para a estação, parou para ajustar a pequena gravata de lã no pescoço de seu irmão, que tremia, mesmo usando uma roupa mais quente. A pobre criança estava com o pescocinho roxo de frio.

– Aonde vocês vão assim, meus amiguinhos?, perguntou-lhes a tia.

– Estamos voltando para casa, madame. Fomos procurar uma senhora, amiga de nossa mãe, mas não a encontramos.

– É, acrescentou o menor, com aquela confiança ingênua da infância, estávamos indo na casa da Dona Paul para ver se ela arranjava um serviço para nossa mãe e, assim, termos como comprar pão.

E como o mais velho o olhava atravessado tentando parar de vez com aquela tagarelice, a última moedinha de dez centavos foi parar na mão do mais novo, e Marthe com sua tia foram embora logo para que o maior não a devolvesse.

Quando elas já estavam longe, Marthe se pôs a chorar.

– Ai, minha tia!, disse ela, como eu me arrependo de ter comprado tanto brinquedo! Nós poderíamos ter dado mais a essas pobres crianças!

Dez anos depois, Marthe, uma jovem de dezesseis anos, já trabalhando como professora havia alguns meses, tinha feito da vida um duro aprendizado, que ela jamais teria imaginado antes.

Seus pais não tinham tido muita sorte com seu comércio e, devido à falta de uma pequena soma de quinhentos a seiscentos francos, talvez não conseguissem fugir de um mau negócio.

Marthe acabava de entrar como professora substituta em um externato. Ela devia ganhar oitocentos francos até o fim do ano; mas como só recebia por mês, era impossível dar de uma vez a soma devida por seu pai pelas mercadorias ainda não vendidas.

Se ele não pagasse até o vencimento, seu crédito seria protestado.

Se devolvesse as mercadorias por não poder pagar, teria de fechar seu estabelecimento.

Uma ideia ocorreu a Marthe. Ela a comunicou à sua tia-avó, então com oitenta anos, e que a amava tanto quanto antes.

Ela ainda a teria mimado se Marthe não fosse tão sensata.

– Minha tia, disse a jovem, parece que nós podemos conseguir um acordo com o credor de meu pai; ganhando oitocentos francos por ano, eu posso dar a ele cinquenta a cada mês, no dia em que eu receber meu pagamento. Talvez ele aceite.

A boa senhora aprovou a ideia, e quis acompanhar sua neta.

Quando chegaram ao estabelecimento dos irmãos Marcel, ambas ficaram muito surpresas ao verem no letreiro do comerciante uma moeda de prata esculpida em relevo com a seguinte inscrição: “Aos dez centavos do Ano Novo”.

Elas se lembraram dos dez centavos de Marthe e, sem ousarem dizer seus pensamentos, entraram no armazém.

O mais velho dos irmãos Marcel estava sentado à escrivaninha, fazendo a vez de caixa; o mais novo preenchia a função de atendente; uma mulher, que parecia mais doente que idosa, substituía ora um, ora outro de seus filhos.

Marthe, que a tia-avó adorava ouvir falando, pois a idolatrava, expôs o objetivo de sua visita de forma muito simples, mas com uma energia que provava que era possível confiar no que dizia.

O mais velho dos irmãos Marcel, a quem ela se dirigiu, chamou sua mãe e seu irmão.

Ele tinha reconhecido, não Marthe, que tinha crescido muito, mas a boa senhora que, após dez anos, quase não tinha mudado.

– Nós temos a honra, disse ele, de ver aquelas que são a causa de nossa prosperidade.

E como sua mãe e seu irmão se precipitaram em torno das duas visitantes, ele contou que, depois da partida de Marthe e da velha senhora, ele as procurou por muito tempo, pois nem ele nem seu irmão estavam pedindo esmola.

Ao voltarem para a casa de sua mãe, como ele estava inconsolável, a amiga em cuja casa ele não tinha encontrado ninguém entrou; ela tinha um serviço para a mãe e trazia um pouco de dinheiro.

Puderam, então, comprar pão sem tocar na moedinha que tinha deixado tão amargurado o coração do mais velho.

Ele logo foi consolado e deixou seu orgulho de lado quando sua mãe lhe disse:

– Talvez um dia você poderá, se trabalhar, ajudar os outros sem ofendê-los.

Félix Marcel, tendo refletido muito, pediu a moeda de dez centavos para fazer com ela o que bem entendesse, anunciou que só voltaria à noite e pegou pela mão seu irmão, que ele nunca deixava, com um ar de resolução como se fosse conquistar o mundo.

As duas amigas, que o deixaram sair com um sorriso, pois era uma criança valente, em quem se podia confiar, divertiram-se ao observá-lo de longe.

Félix, ainda levando seu irmão pela mão, foi até uma vendedora de objetos a um centavo e lhe perguntou se ela poderia vendê-los por dez centavos, ao preço do mercado, — *pois ele ia entrar no comércio!*

A vendedora deu uma interminável gargalhada; mas, como era justamente naquele mesmo lugar que a criança tinha procurado tanto a senhora dos dez centavos, ela presumia um projeto corajoso.

Não só ela juntou aos objetos outras tantas bugigangas, dizendo: “Você me pagará quando tiver como”, mas também tomou os dois irmãos sob sua proteção e lhes arranjou uma pequena banquinha diante da sua. Naquela noite os três já eram tão amigos que não podiam mais se separar. Eles ganharam naquele dia o triplo do que tinham investido. A boa vendedora não tinha filhos. Quando a época do final do ano passou, ela os pegou para ajudá-la em sua pequena loja, sob o pretexto de que eles lhe seriam muito úteis, pois Félix não teria consentido se assim não fosse.

O comércio prosperou; em dez anos, a loja da velha Hortense tinha se transformado em um grande armazém, onde viviam as duas viúvas e os dois irmãos.

Tudo isso graças aos dez centavos de Marthe!

Félix estava contando a sua história quando entrou Hortense, que voltava de suas compras.

Deixo vocês imaginando, queridas crianças, como foi a recepção feita a Marthe e sua tia-avó.

Félix exigiu que os seiscentos francos somente fossem pagos em quatro anos.

Naquela época, como o pai de Marthe tinha feito bons negócios e o estabelecimento dos irmãos Marcel continuava a prosperar, todo mundo concordou que, para a festa da boa tia-avó, cada um emprestasse cem francos a seis órfãos cuja mãe tivessem de sustentar ou que tivessem irmãos menores.

A boa senhora, nesse dia, chorou de alegria, e essa ação trouxe sorte e felicidade a todos, pois ela ainda viveu muito tempo e os seis comércios prosperaram.

O PAI REMY

Esta é mais uma história de um velho professor de vilarejo.

Falamos muitas vezes desses obscuros soldados da civilização, cuja vida transcorre ignorada e cujos dias passam, um após o outro, com a monótona calma da eternidade.

Essas pessoas fazem muito por sua época, ensinando tanta gente a ler, e fariam ainda mais se formassem pequenas bibliotecas históricas com ajuda das quais seu pequeno vilarejo leria outra coisa que não *O mensageiro manco* ou *O grande contista* (pois estamos aqui na França em pleno século XIX, época dos famosos almanaques).

O pai Remy era dessas pessoas que pensam em tudo; ele tinha um defeito, aquele dos velhos sábios: gostava de palavras pomposas, mas tinha feito tantas coisas úteis que era facilmente perdoado por isso. Às vezes ele também tinha um outro defeito comum a todas as pessoas que trabalham duro para fazer o bem. É que frequentemente ele ria com todo o coração das falhas do gênero humano, tanto das suas quanto das dos outros.

Num inverno em que as colheitas tinham sido muito ruins, não tratou ele de montar uma oficina para as mães de família, para que elas pudessem ter alguns trocados no fim daquele ano de tão pouca fartura?

Ele não contou a ninguém sobre seu projeto antes de executá-lo, pois sabia muito bem que, no campo, as pessoas imaginam imediatamente que, para essas coisas, é preciso uma grande soma de dinheiro, mas não de inteligência.

Empregou uma parte das economias de seu salário de professor para comprar tecidos baratos para o frio e também lã para tricotar; e a outra para pagar às mais pobres mulheres do vilarejo a feitura das meias e a costura das roupas.

Vendeu na cidade as coisas confeccionadas, a preço mais que triplicado. Com o dinheiro, pôde comprar mais tecidos, mais lã e pagar um número maior de costureiras. Tudo o que elas confeccionaram foi revendido na cidade como da primeira vez.

Ao final de um mês, ele pôde montar uma oficina maior. Iam chegando pedidos de encomendas; ele os repassava a suas trabalhadoras sem nenhum benefício para si mesmo. Pouco tempo depois, foi possível chamar costureiras experientes da cidade para aprimorar as do vilarejo, e, neste exato momento, embora o pai Remy tenha morrido há mais de trinta anos, a oficina de costura ainda traz abundância para o lugar, pois seu filho e sua filha dividiram entre si a tarefa: o filho tem as aulas; a filha, a oficina, o abrigo e a creche. Ambos se ocupam do asilo dos velhinhos, pois o bom homem deixou essas quatro instituições.

Na época de que falamos, o pai Remy ainda era forte, embora tivesse já oitenta anos, e, para descansar de noite, fazia de bom grado uma pequena leitura ou contava alguma anedota.

Certa noite, o sarau do pai Remy estava cheio. Toda a gente que celebrava um casamento no vilarejo tinha ido até lá para desejar-lhe boa noite e recitar um poema em sua homenagem.

Ele aproveitou então para falar de uma de suas novas ideias: a fundação de uma creche e de um abrigo no vilarejo, sem capital, naturalmente, mas com muita coragem e tanta inteligência quanto fosse possível.

Como já conheciam o exemplo da oficina que não tinha custado nada a ninguém, exceto algumas privações para

ele mesmo no início, todos sabiam que não era preciso ter receio de nenhuma nova ideia do pai Remy.

Depois, para retribuir a homenagem que tinha recebido, ele começou, acompanhado pelo violino que um rapaz tocava com muito sentimento, a improvisar alguns versos para a noiva.

Eu não saberia reproduzir para vocês o poema feito para o pai Remy: o noivo tinha passado sete dias decorando-o para poder recitá-lo inteiro sem parar, como o moinho do vilarejo; e o pai Christophe, o homem mais letrado do lugar, tinha passado um mês inteiro compondo-o. O pai Christophe conhecia e colocava em prática o famoso princípio de Nicolas Boileau-Despréaux:

“Retocai a vossa obra vinte vezes”

Mas, sem saber o resto da citação, ele tinha sempre acrescentado e nunca apagado, de modo que a homenagem tinha dezesseis páginas.

As quinze primeiras serviam de preâmbulo e a décima-sexta era o discurso.

Se alguém fizesse algo parecido para vocês, queridas crianças, é provável que vocês rissem muito, e eu entendo.

Mas o pai Remy pensou apenas na boa vontade contida naquele presente; esqueceu o burlesco das frases e as lágrimas vieram aos seus olhos ao imaginar o enorme trabalho daquela brava gente para preparar aquilo tudo.

Então, a noiva, que nos últimos sete dias tinha repetido o poema a seu noivo pelo menos vinte vezes em cada uma de suas visitas, disse alegremente ao pai Remy:

– Querido professor, eu também sei o poema de cor, como o Jean Paul!

E começou a recitá-lo de cabo a rabo.

Felizmente, Rose era mais rápida do que Jean Paul, e sem rodeios foi até o final; de todo modo, foi preciso escutar de novo todas as comparações, desde as primeiras palavras – “Eu canto suas virtudes, Senhor Remy” – até as últimas – “Perdoe minha pobre musa por essa obra sem pompa”.

O texto terminava com uma dedicatória de quatro versos que chegaria rapidamente à prosperidade, pois era uma centopeia, na verdade. “Já que para os temas nobres se fazem versos de doze sílabas”, tinha dito o pai Christophe, “eles ficarão ainda mais bonitos com o dobro”. Aqui estão eles, tal qual ainda hoje são recitados no vilarejo:

“Receba, Senhor, com grande benevolência estes versos
feitos por seu servidor.

Depositamos neles nossos melhores votos e nosso cora-
ção transborda de ternura e amor,

E soltando as rédeas de nossos sentimentos para subir ao
Parnaso, eles serão nosso Pégaso.

E agora queremos, com as flores de nossos campos e
com as flores de nossa voz, oferecer-lhe o vaso”

Respeitamos a métrica particular do pai Christophe.

Foi depois dessas últimas palavras que o professor respon-
deu com as seguintes estrofes, às quais o acompanhamento do
violino dava um grande ar de festa:

Das flores dos relvados
Até os lírios dos prados
E os campos matizados
Com seus ventos alados
Fazem belos preparos
São as flores em festa, a rosa vai casar
O cravo floresce, o verão está no ar.

Para que todo dia
Lhes traga a esperança
Para que a melodia
Lhes deixe esta lembrança
Façam o bem, crianças
São as flores em festa, a rosa vai casar
O cravo floresce, o verão está no ar.

Todos choravam enternecidos. Juntaram-se ainda mais ao redor do professor, e Rose, encorajada pelo sucesso de sua homenagem e pelos versos do velho, pediu-lhe um conselho sobre o que fazer para terminar aquela noite.

– Como podemos encontrar, assim, agorinha, um jeito de fazer o bem?, perguntou ela ingenuamente.

Era exatamente o que o pai Remy esperava.

– É simples, minha filha, disse ele, você e Jean Paul têm muita energia, são cheios de boa vontade, vocês me ajudarão a fundar a creche e o abrigo de que falo há tanto tempo.

Os dois jovens pularam de alegria e cada um tomou uma mão do velho para escutá-lo melhor; ele continuou assim:

– No fim do vilarejo vocês possuem uma antiga construção, cuja vista incomoda os que não gostam de coisas degradadas; vocês irão alugá-la para mim, para que eu mesmo a restaure e instale nela nossa instituição.

– Nossos filhos não irão alugá-la para o senhor, professor, gritaram os pais dos noivos, que não queriam ser superados em generosidade. Queremos que eles a doem, e isso será feito hoje mesmo!

– Então, retomou o professor, uma coroa de rosas será pendurada no alto da porta e colocaremos em letras grandes e douradas: *Abrigo e Creche das Rosas*; será um nome simpático para nossas crianças. De minha parte, doo a vaca que não me é de muita utilidade, já que passei até agora sem ela.

– E nós, gritou uma dezena de lavradores, forneceremos o alimento para a vaca.

– Nós, pai, disseram por sua vez o filho e a filha do pai Remy, nos encarregaremos da direção da creche e do abrigo; empregaremos duas pobres viúvas que conhecemos; elas terão o que comer e onde dormir, e, quanto aos salários, eles virão em alguns meses.

Quase todas as costureiras da oficina estavam lá. Elas combinaram entre si recolher todos os trapos que ninguém usava, acrescentar um pouco de tecido novo com a ajuda de seu pequeno ganho e, indo para a cama um pouco mais tarde, fazer roupas para as crianças pobres ou abandonadas.

O prefeito também estava lá; ele quis contribuir com uma pequena quantia mensal para o fundo comunitário, para ajudar no cuidado das crianças.

– Aceito a quantia, senhor prefeito, disse o pai Remy, mas não quero enganá-lo; ela será usada para começar um lar para pessoas idosas.

Se o prefeito não soubesse do quão pouco o pai Remy precisava para tudo o que empreendia, teria ficado chocado; mas ele conhecia a coragem e a economia do bom velho.

– Nesse caso, disse ele, doarei para seus idosos o celeiro que herdei com a casa da minha pobre mãe, e o lar dos velhinhos será erguido em sua memória.

– Vamos chamá-lo, disse o professor, de Asilo Boa Marguerite.

Aquela noite, de fato, trouxe alegria a todos os que contribuíram com aquelas instituições, pois o Abrigo das Rosas e o Asilo Boa Marguerite ainda existem, e muitas coisas boas se fazem ali.

Já na manhã seguinte, o pai Remy e seus alunos mais velhos, que asseguraram já saber trabalhar bem com alvenaria, se puseram a restaurar os dois casebres, para transformá-los em lugares habitáveis.

Que maravilha era observar a atividade deles! Jean Paul estava na dianteira, e, ao vê-los, pedreiros de profissão do vilarejo se juntaram ao trabalho. Como o pai Remy sabia um pouco de arquitetura, as duas construções acabaram tendo um resultado muito bom.

– Como o senhor fará, pai Remy, com as camas das crianças e dos velhos?, perguntou o prefeito, colocando dois enormes colchões de lã novinhos na sala.

– Não se preocupe, disse o pai Remy, eu pensei em algo.

Ele tinha reservado uma pequena quantia para comprar um tecido resistente e com ele fazer redes enquanto esperava algo melhor para os velhos, mas de forma a deixá-las para as crianças pequenas.

Com o preço dos dois colchões do prefeito, conseguiu comprar lençóis e cobertores usados; quanto aos utensílios domésticos, durante todo o primeiro ano não houve mais do que alguns pratos de cerâmica branca e apenas uma colher por pessoa.

Para não alimentar os idosos e as crianças apenas com o leite da vaca, o pai Remy solicitou ao prefeito um terreno que pertencia ao vilarejo e não era usado para nada, e este lhe foi concedido.

Assim como na restauração dos dois casebres, todos se puseram a ajudar, sempre tendo Jean Paul e Rose à frente junto com os alunos mais velhos.

O terreno foi limpo e semeado, e sua produção foi usada para alimentar crianças e idosos; eles mesmo queriam trabalhar em atividades mais leves do cultivo ou na oficina; havia, assim, não só dinheiro suficiente para manter e ampliar os três estabelecimentos, mas também para ajudar, nos anos mais difíceis, algumas famílias do vilarejo e até mesmo da região.

Assim, o pai Remy pôde fundar, sem outro capital além de sua coragem e de seu trabalho, uma oficina, um abrigo, uma creche e um asilo para as pessoas idosas.

O pai Christophe escreveu muitos versos em sua homenagem e diversas vezes procurou o tipógrafo da cidade para que o ajudasse a encontrar uma editora, mas o tipógrafo sempre se recusava a se encarregar do manuscrito, o que deixava o pai Christophe desesperado.

Ele decidiu, então, pedir ao próprio pai Remy que revisasse seu livro. Este prometeu fazê-lo quando não tivesse nada melhor com que se ocupar, e guardou o manuscrito no bolso.

Todos os dias Christophe queria saber se a revisão já tinha começado, e o professor sempre respondia: “Ainda tenho algo mais útil para fazer primeiro”.

O poeta acabou por ficar impaciente e perguntou ao pai Remy se haveria eternamente algo de melhor a fazer.

– É muito provável, respondeu ele, mas sou profundamente grato pela intenção.

O pai Christophe pediu de volta sua obra e, não podendo publicá-la, a relia todos os dias.

“É possível”, dizia-se o pobre autor, “que um homem tão bom como o nosso professor seja como os outros, invejoso do meu talento?”

O pai Remy tentou explicar que os mais longos versos franceses não tinham mais do que doze sílabas e que isso já era o suficiente para que o pensamento se arrastasse.

– Pouco importa, respondeu Christophe, o senhor nunca me convencerá de que beleza demais é um defeito.

Um dia, porém, com a ajuda de uma gravura que retratava uma desconcertante divindade indiana com quatro magníficos braços, ele conseguiu entender um pouco do que lhe tinha dito o pai Remy.

– Bastam dois para nossos olhos acostumados com essa forma, disse o pai Remy, e repito-lhe que nosso pensamento, que se arrasta em doze sílabas, rasteja nas suas vinte e quatro.

O pai Christophe pensou por alguns instantes e permaneceu em silêncio, meio vencido.

Porém, quando no dia seguinte o velho poeta recomeçou sua frase preferida: “Pouco importa, o senhor nunca me convencerá de que...!”, o professor o deteve. “Não falemos mais disso”, disse ele, “se quiser ter um pouco de vaidade, guarde-a com o senhor e sejamos bons amigos”.

O pai Christophe refletiu novamente sobre o que tinha dito o pai Remy e, dali em diante, falou apenas raramente de seus escritos.

Ele tinha um bom coração, mas ainda pertencia a uma época em que a vaidade era considerada um atributo nobre; há, no entanto, uma grande distância entre uma coisa e outra.

Lembrem-se, crianças, tenham orgulho da humanidade, ela ainda é muito frágil, mas um dia será grande se as pessoas que têm inteligência, em vez de buscarem ostentar suas pobres pessoinhas e seus pobres nomezinhos, sentirem bater no peito e vibrar na inteligência o coração e a mente de uma geração inteira.

A FAMÍLIA POUFFARD

A Senhora Pouffard era muito rica. Ela usava as roupas mais caras que se pode imaginar e não havia encontrado nada melhor para fazê-la brilhar ainda mais do que acrescentar um *de* ao seu nome.

Quando alguém lhe escrevia, não podia esquecer de colocar Senhora *de* Pouffard, Castelã do Castelo de Hulottes.

Esse *de* e essa palavra “castelã” a faziam corar de prazer toda vez que eram endereçados a ela, e de raiva toda vez que alguém se atrevia a esquecê-los.

Já o Senhor de Pouffard, ainda mais astuto que sua esposa, teve a ideia de comprar títulos de nobreza.

Os moradores de Hulottes tornaram-se, assim, Senhor Marquês e Senhora Marquesa de Pouffard.

Eles encomendaram a pintura do brasão da família a um artista, que debochava deles, e compraram um monte de coisas em antiquários para compor o museu de seus ancestrais.

O brasão exibia um cardo azul sobre um campo de goles, ou, em outras palavras, um cardo azul sobre um fundo vermelho. Os leões que serviam de suporte tinham orelhas tão compridas que mais pareciam asnos sob a crina de feras.

“São leões da Arcádia”, havia dito o pintor, rindo; e como o Senhor Marquês de Pouffard queria pagá-lo generosamente, ele se desculpou, dizendo que havia ficado muito feliz por estar a serviço de tão eminente personagem. Na verdade, ele queria debochar do Marquês, mas não queria roubá-lo, o que seria, de fato, muito diferente.

O pintor, prestativo, também se ofereceu para pintar o brasão do Senhor Marquês em todos os lugares, e o fez minuciosamente, desde a parte de cima da porta do castelo até a cabana dos coelhos.

O Senhor Marquês e a Senhora Marquesa estavam radiantes.

Quanto às armaduras e aos outros objetos de seus ancestrais comprados em antiquários, havia de tudo.

Um espeto comprido fora vendido ao Senhor Marquês como se fosse uma espada antiga, que, dizia ele, havia pertencido ao mais valente de seus ancestrais.

Havia também velhos quadros horrorosos, pintados a óleo no fim do século XVI, que ele dizia serem os retratos de suas bisavós feitos na época das Cruzadas. No entanto, naquela época, Jean de Bruges, que inventou a pintura a óleo no século XVI, ainda estava longe de existir.

Mas isso pouco importava aos nossos personagens, desde que tivessem ancestrais!

A Senhorita Euphrosine Pouffard merece atenção especial. Era uma menina tonta, vaidosa como um pavão e tola como um ganso.

Ela estava convencida de que ficava muito interessante enfiando o nariz em perfumes ou flores a cada instante, e usava todas as joias que possuía ao mesmo tempo, de modo que às vezes tinha três ou quatro anéis em cada dedo, até dois pares de brincos e, quanto aos colares, era comum vê-la com tantos quanto seu pescoço pudesse aguentar.

Nem o burro que carregava relíquias, de que trata La Fontaine, trotava com tanta pompa quanto a Senhorita Euphrosine de Pouffard.

Desde que a respeitável família havia se mudado para o castelo de Hulottes, e já fazia seis meses, ninguém em toda a região havia sido considerado digno de fazer-lhes companhia.

Os moradores do vilarejo conheciam Jean, o valete do Senhor, e a senhora Brindavoine, a camareira da Senhora; mas os criados eram tão limitados quanto seus patrões, e os camponeses saciaram sua curiosidade quando souberam o seguinte: para a surpresa de Jean, o Senhor não havia mudado nada em sua pessoa no dia em que se tornou Marquês!

Já a senhorita Sylvie, a camareira da Senhorita, era delicada demais para tratar com pessoas comuns.

O resto da casa não fazia absolutamente nada além de beber, comer e dormir; é o que eles chamavam de levar uma vida de castelo.

A única coisa que faltava para completar a casa dos de Pouffard era uma professora para a Senhorita Euphrosine.

Foi chamada uma jovem órfã de Paris que havia tido resultados brilhantes em suas provas durante o ano.

Rose André era inteligente, dedicada, orgulhosa e firme; ela não teve, portanto, nenhuma dificuldade para entender com quem estava lidando.

Como nunca recuava diante das dificuldades quando entendia que havia algo de bom a ser feito, Rose André decidiu arrancar Euphrosine da imbecilidade e talvez diminuir a de seus pais; bastante decidida, aliás, caso fracassasse, a voltar para Paris, onde seria mais útil na educação pública do que ali, na educação privada.

O plano era arriscado. Ela tinha que começar imediatamente, para não perder tempo.

Era necessário aproveitar ou criar uma oportunidade para desiludi-los de seus preconceitos por meio de alguma experiência amarga.

Da mesma forma que fazemos com as crianças pequenas.

“A água molha, o fogo queima”, dizemos, e mergulhamos suas mãozinhas na água fria ou as aproximamos do calor.

Poderíamos dizer à família de Pouffard: a vaidade nos expõe ao ridículo.

A oportunidade logo se apresentou.

Rose André havia recebido uma carta encantadora de uma de suas alunas de Paris.

Deixou-a por aí de propósito. A criança não tinha nem dez anos.

Ela contava, com a ingenuidade da primeira juventude, mas também com notável inteligência, sua vida de estudo e de sincera alegria.

A Senhora de Pouffard, muito curiosa, pegou a carta, leu-a e perguntou a Rose quando ela achava que sua filha poderia escrever daquele jeito.

– Eu não sei, Senhora, disse ela, já que me pediu que eu a fizesse estudar apenas quando ela quisesse.

– E qual é a idade da sua aluna?

– Dez anos, Senhora!

– É, sem dúvida, disse a Senhora de Pouffard, alguma menina da alta nobreza, não?

– Seu pai é apenas um chaveiro, respondeu Rose.

A Senhora de Pouffard deu-lhe as costas, fechando a porta com violência.

Quando se acalmou, chamou Euphrosine e disse-lhe:

– Meu tesouro querido, você deveria se esforçar e estudar um pouco; há filhas de operários que estão mais avançadas do que você.

Era a primeira vez que a mãe lhe falava de estudo; Euphrosine olhou para ela com espanto.

– Me esforçar e estudar, disse ela, por acaso eu não tenho uma professora para me ensinar tudo?

A Senhora de Pouffard, por mais tola que fosse, sentiu que, com tal raciocínio, sua filha não faria grande progresso, mas julgou já tê-la repreendido o suficiente por um dia, e

pensava vagamente que, se atormentasse um pouco Rose André, esta inventaria uma maneira para que a ciência viesse à tona imediatamente.

Euphrosine merecia que o fizessem por ela.

Por vários dias seguidos, a Marquesa de Pouffard falou das descobertas prodigiosas que haviam sido feitas e que ainda estavam sendo feitas: ela confundiu vapor com eletricidade, atribuiu a invenção da imprensa a Cristóvão Colombo e a descoberta da América a Gutenberg, mas essa eloquência se perdeu quando Rose disse friamente que todas aquelas coisas haviam sido descobertas precisamente por sua probabilidade quase incontestável, enquanto outras haviam sido inicialmente consideradas impossíveis pelo senso comum.

A Senhora de Pouffard, pouco satisfeita, mergulhou na leitura de uma revista da moda de que gostava muito, o *Folhetim das Graças*.

O Senhor de Pouffard retomou a análise de suas propriedades, para as quais havia encomendado mapas cuidadosamente coloridos.

Rose retomou o livro educativo com o qual estava trabalhando depois de dizer à Senhorita Euphrosine que ele poderia diverti-la e que lhe explicaria as primeiras páginas com prazer, quando ela quisesse começar a estudar.

– Eu disse às minhas alunas em Paris, continuou ela, de modo a ser ouvida pela Senhora Pouffard, que o estudo é tão obrigatório quanto a honestidade; é por isso que, graças à boa vontade que tiveram, elas aprenderam muito rapidamente.

Em seguida, acrescentou em um tom mais firme:

– Se não fosse por isso, eu não teria desperdiçado meu tempo com elas.

Euphrosine continuou a colocar contas de vidro em um cordão, e a Senhora de Pouffard embaralhou uma frase

do *Folhetim das Graças*, pois leu: “enfeitam-se os penteados com *guirlandas*” em vez de “*lavandas*”. A castelã de Hulottes encomendou então, para o domingo seguinte, uma grande guirlanda artificial com a qual enfeitou seu chapéu.

No entanto, ela começava não só a se perguntar quando Euphrosine decidiria começar a estudar, mas também a ficar muito impaciente com Rose André.

Esta, depois de avisar sua aluna que, se em sete dias ela não estivesse disposta a estudar, seria obrigada a ir atrás de meninas a quem sua ajuda seria mais útil, foi até a Senhora de Pouffard e disse-lhe que não se tratava de uma ameaça para forçar a criança a se dedicar, mas de uma decisão irrevogável.

Ela acabou aconselhando a Senhora Marquesa a procurar para Euphrosine uma professora bem velha, que precisasse de descanso; pois aquelas que apreciam uma vida ativa não conseguiriam se acostumar com uma aluna cuja principal ocupação é colocar contas em um colar.

A Senhora de Pouffard, sufocada de espanto e de raiva, respondeu que iria refletir sobre o assunto e, como de costume, saiu batendo a porta com um estrondo.

Era seu argumento mais forte.

O Marquês de Pouffard, quando questionado, respondeu que, em todas as grandes famílias, a educação das meninas era responsabilidade da mãe; que ele não tinha, portanto, que lidar com esse problema.

E, para escapar das importunações da Senhora Sua Esposa, pegou sua espingarda e foi caçar em suas terras.

O Marquês de Pouffard tinha boa pontaria; gostava de atirar no pássaro que voa alto pelo céu e não se importava com os gemidos dos filhotes no ninho.

Muitas pessoas não entendem, com razão, que o chumbo não serve apenas para destruir animais perigosos.

O Marquês de Pouffard tinha algo mais em que pensar. Ele começava a se aborrecer com a solidão e planejava festas e caçadas que pudessem difundir seu nome por muito tempo em toda a região.

De fato, ele não foi esquecido, pois dele se ri ainda hoje.

O Marquês, então, ordenou que seus criados investigassem a região; e, confirmando que era o único que possuía um título de nobreza por ali, resolveu escolher os melhores entre aquela gentry e lançar convites no grande mundo de Paris.

Era justamente o outono, temporada das caças; todos poderiam explorar seus bosques por sete dias e se divertir no castelo, onde uma mesa suntuosa seria servida todas as noites.

Rose André foi solicitada a ficar para a festa, e a ocasião lhe pareceu favorável para que Euphrosine mudasse, ou mesmo abandonasse, seu comportamento.

Decididas essas questões, era hora de fazer os convites.

Eles foram distribuídos entre alguns escolhidos na região, e ainda assim nem todos os convidados puderam comparecer, pois tinham outros compromissos. Além do mais, aconteceram alguns erros.

O convite enviado para o médico não especificava se o convidado era o pai ou o filho, e, como este último também havia acabado de se tornar doutor, foi ele quem cedeu à curiosidade de ver os moradores do castelo.

Era um jovem rapaz que trabalhava com todas as suas forças e que, mesmo assim, nunca deixava de encontrar motivos para rir: azar do Marquês e de sua família.

O nome desse jovem era Paul Martin. Sabendo que o convite poderia muito bem ter sido endereçado ao seu pai, ele teve a ideia de provocar outros erros semelhantes.

Foi fácil: o filho do juiz de paz, o irmão do professor e dois ou três jovens substituíram seus pais.

Enquanto Paul Martin liderava essa trama, os convites de Paris seguiam seu caminho.

Rose foi consultada, mas quando o assunto eram as pessoas do grande mundo, ela podia apenas indicar nomes. Quando se tratava de companhias para a Senhorita Euphrosine, a história era outra.

Entre as crianças que Rose conhecia, pouquíssimas possuíam título de nobreza.

A Senhora de Pouffard, que era muito curiosa, quis abrir uma exceção para Céline, a menininha da carta; mesmo assim, as companhias de Euphrosine não seriam mais do que quatro ou cinco.

O grande dia chegou.

A família de Pouffard, que sequer sonhava que crianças não viajam sozinhas, havia esquecido de organizar as coisas para que elas pudessem comparecer. Todas as pequenas convidadas ficaram, então, em suas casas.

Céline, a única *expressamente* solicitada por Rose, foi levada por sua mãe e entregue nas mãos da professora. A mãe de Céline havia encontrado um pequeno serviço para aqueles dias e, como não podia recusá-lo, teve de ir embora.

A Marquesa de Pouffard ficou um pouco amargurada com a ausência das meninas e a partida da mãe de Céline; mas pensou que não havia cometido nenhuma outra gafe. Ela teve sorte porque suas companhias, as Senhoras de La Truffardière e Piquador de Bêtenville, que nunca tinham nada para fazer, haviam decidido ver que convite era aquele que chegava do Castelo de Hulottes.

Soube-se pela manhã que o médico tinha uma filha de onze anos, Noémi Martin; Rose redigiu então uma breve e bonita carta em nome de sua aluna para explicar que haviam acabado de saber, naquele exato momento, da

chegada da pequena vizinha para as férias, e suplicavam que ela viesse imediatamente com a Senhora Martin.

Como Paul e Noémi haviam sido convidados, ficou claro que o castelão de Hulottes organizava as férias para algum filho ou sobrinho e para sua filha ao mesmo tempo.

– Vamos nos divertir muito e vamos rolar de rir, disse Paul, zombeteiro, pegando sua irmãzinha gorda pela mão.

Qual não foi a decepção do Senhor Marquês quando Paul e seus amigos, munidos de seus convites, apareceram com Noémi, que usava seu grande chapéu de palha com uma coroa de papoulas e seu vestido mais fresco de musselina.

A senhora Martin havia sido descartada, dita provinciana demais, bem como as outras senhoras da região; elas eram todas um pouco cúmplices de seus filhos.

Definitivamente, Paul e seus amigos não eram companhias que se pudesse oferecer aos Senhores Ganachon de Volembois e Pompilius d'Écorchoison; mas o leite estava derramado, e era preciso bebê-lo.

Para começar o dia, esses cavalheiros foram convidados a visitar a sala dos ancestrais: era assim que chamavam o museu.

Enquanto isso, as Senhoras de La Truffardière e de Bêtenville haviam seguido a Marquesa até o salão onde ela lhes mostrou as incrustações do piano, os quadros folheados a ouro e um monte de outras coisas bonitas.

Outras teriam morrido de tédio; mas as Senhoras de La Truffardière e de Bêtenville sabiam que ocupavam uma posição de honra em um castelo, e ainda não haviam tido tempo de perceber qualquer outra coisa.

Rose André havia levado Céline, Noémi e Euphrosine para o jardim.

A última, apesar de sua idiotice, quase se divertia com a felicidade de suas companheiras, pois as duas crianças logo se tornaram muito amigas. Elas arrastaram Euphrosine

para uma prosa de sincera alegria, embora esta ficasse bastante atordoada ao ouvir outros discursos além dos de sua mãe e de Sylvie.

Essa primeira hora era o início de um triunfo.

O jantar chegou, havia tantos pratos e em quantidade tão exagerada que quatro horas não foram suficientes para consumi-los.

Os jovens tiveram certa pena dos donos da casa e conversavam de uma maneira que acreditavam ser amável; os senhores Ganachon de Volembois e Pompilius d'Écorchoison se fartaram.

As Senhoras de La Truffardière e de Bêtenville sorriam afetadamente na companhia da Marquesa e brincavam com buquês do campo recitando versos melosos sobre as flores e a beleza.

Embora fossem bonitas, sua estupidez as havia desfigurado, e, em uma comparação com as flores, seria melhor se parecer com algo menos frágil e mais inteligente.

As meninas, que estavam perto de Rose, faziam o menor barulho possível para não incomodar ninguém. Já Euphrosine, que não tinha o costume de se importar com os outros, seguiu despreocupada com seus modos, embora Rose a advertisse de tempos em tempos.

Um de seus gracejos mais marcantes, mas que fez seus pais corarem até o branco dos olhos, segundo o Senhor Ganachon de Volembois, foi o seguinte:

– Papai, pensei que ser princesa era uma coisa que dava para comprar como você fez para ser marquês, mas que custava mais caro!

Rose sentiu que não havia mais nada a fazer além de deixá-la continuar falando para mudar a opinião de seus pais sobre sua educação.

Fez-se um silêncio constrangedor. Haviam acabado de falar das Cruzadas, e o Senhor Marquês contara como seu avô, Stanislas de Pouffard, recebera a *cruz de São Luís* das próprias mãos de *Carlos Magno*, uma história que causou grande sensação em todos. Certamente havia motivo para tal!

O Senhor de Pouffard, satisfeito com o efeito que produzia, acrescentou que sua bisavó, Hémiltrude de Paillerval, primeira dama de companhia de Isabeau de Bavière, havia recebido a confiança e a especial estima dessa *virtuosa princesa* quando se tornou *regente* de seu filho *Louis IX*. Essa distorção monstruosa da história fez Céline e Noémi arregalarem os olhos, enquanto uma terrível vontade de rir retorcia todas as bocas. O sofrimento do pobre Marquês, após a saída de sua filha, reprimiu a hilaridade geral.

Encontraram então uma maneira de mudar o rumo da conversa.

Mas a Senhorita Euphrosine, que não estava acostumada a ficar sem resposta para suas perguntas, não desanimou e voltou a gritar mais alto:

– Por que você não me responde? Se dá para comprar, ora essa, quero ser princesa na minha festa. Fala, papai, você comprou para mim os diamantes da minha vó; você dizia “isso tem que parecer antigo!”

O Marquês e sua esposa estavam enlouquecendo!

Ainda faltavam sete dias e aquele era só o primeiro!

Todos ficaram com tanta pena deles que, para acabar com a importunação de Euphrosine, alguém deu um jeito de mudar de assunto dizendo que do jardim se podia ver todos os camponeses do vilarejo voltando da feira, o que era muito curioso pela variedade de mercadorias que traziam com eles.

Rose e as duas meninas trataram de tirar Euphrosine dali.

Queriam fazê-la compreender que seus pais deviam ter um motivo para não lhe responder, que ela devia deixá-los

em paz e que, além do mais, era impossível comprar-lhe um título de princesa. Mas nenhum raciocínio fazia sentido para ela; foi preciso mudar, de surpresa, o rumo de suas ideias fazendo-a observar a corrida maluca do grande Mathieu, que, querendo conduzir seu porco por uma corda presa à pata, era ele mesmo arrastado.

Felizmente, para seus pais, Euphrosine estava distraída.

Quando as meninas voltaram para o salão, as Senhoras de Bêtenville, de Pouffard e de La Truffardière estavam jogando jogos de prendas.

Todos os cavalheiros estavam caçando.

Os jovens começavam a descobrir que tudo o que sofre, mesmo que de forma ridícula, não pode mais fazer ninguém rir. Paul e seus amigos não estavam se divertindo nada, e prometeram uns aos outros que iriam encontrar desculpas, muito educadas, para não voltar no dia seguinte.

Um seria chamado por um doente.

O outro teria uma doença repentina.

O terceiro seria obrigado, com muito pesar, a realizar uma viagem.

Mas voltar, não voltariam.

No salão, quando se esgotaram os jogos de prendas, o passa-anel, a cabra cega e a adoleta, as senhoras começaram a falar de literatura.

A Senhora de Pouffard estava definitivamente com sorte, suas convidadas também eram assinantes do *Folhetim das Graças*.

Elas elogiaram a maneira encantadora com que o jornal ostentava seu nome.

Concordaram que não havia nada mais gracioso e mais vívido.

A vinheta do título representava uma guirlanda de camélias cor-de-rosa; a seção literária era sempre rodeada por uma delicada vinheta e jamais assinada por outro pseudô-

nimo que não o nome de uma das três graças gregas, Aglaé, Chloé, Euphrosine.

Euphrosine, nome querido, tão lindamente usado pela Senhorita Pouffard.

A Senhora de La Truffardière, que queria se passar por uma pessoa culta, insinuou que às vezes também lia “*A Borboleta de Ouro*”, “*O Beija-flor*”, “*A Nuvem*” e uma série de outras belas produções. Mas, depois de avaliarem bem todas elas, declararam por unanimidade que o *Folhetim das Graças* era, sem dúvida, a melhor.

Uma das senhoras então recitou com sua voz mais aveludada o último poema do jornal: “A lagarta harmoniosa”.

Como foi que o autor conseguiu deixar uma lagarta harmoniosa?

Com isso eu não me preocuparia; tudo o que se sabe é que o primeiro verso era:

“Linda lagarta, ouça minha melodia.”

O autor se chamava Hyacinthe d’Hélicon.

Em todo caso, ele tinha o direito de dedicar suas obras tanto às lagartas como a outras pessoas, e não lhe faltavam admiradores.

Depois da literatura, o assunto foi a música: as três concordaram que o piano era lindíssimo; que o violino lhes dava ataques de nervos; o violoncelo, nem se fala; o órgão lhes dava dor de cabeça; mas o flajolé, por exemplo, que belo instrumento!

A escolha da música era indiferente para elas, desde que fizesse barulho ou cacarejos; no entanto, não gostavam dos mestres alemães. Algumas músicas antigas de Jadin, que elas haviam escutado, pareciam melhores do que qualquer Weber, Meyerbeer etc., e esperavam que esse belo gênero

voltasse. Elas não entendiam nada de Wagner, mas instintivamente o odiavam, porque há toda uma criação desgredada, rápida, inédita, com notas jogadas aos montes, e elas gostavam do que era vazio.

Quanto à pintura, perguntavam-se como era possível olhar para outros quadros que não os de Boucher e se as belas coisas que se viam nos leques antigos não eram melhores que as grandes telas feias e cheias de sombras que impressionavam seus nervos delicados.

Ouvi-las raciocinar assim já era motivo suficiente para jogar todas as molduras douradas em suas cabeças e o piano por cima; mas isso não faria com que elas tivessem mais sensibilidade, e não era culpa delas se a educação estúpida que haviam recebido as impedia de se desenvolver.

De repente, a Senhora de Pouffard decidiu colocar Rose André no piano; nem é preciso dizer que só se devia tocar polca, mazurca e alguns xotes, e uma valsa que ela havia começado as deixou, disseram elas, atordoadas.

Como não se deve jogar ninguém pela janela, mesmo se forem pessoas desse tipo, Rose André seguiu, resoluto, seu suplício por quase duas horas.

Farta daquilo, ela decidiu tocar suas impressões. Havia cadências irônicas, progressões carregadas de raiva, notas atiradas de repente, como se a harmonia quisesse ferir o instrumento; sequências de acordes que eram como ameaças.

As senhoras acharam tudo delicioso, especialmente as cadências e trinados que zombavam delas.

A Senhora de La Truffardière perguntou se as meninas tocavam piano.

Céline já tocava bem; Noémi, embora muito menos, conseguia se virar também.

Mais uma decepção para Euphrosine, a quem a vaidade punia, naquele momento, pela preguiça.

Compreendendo que ela já havia sofrido o suficiente para pensar um pouco nas consequências de sua inércia, Rose sugeriu que as crianças cantassem juntas as cirandas que conheciam, enquanto as acompanhava no piano.

A sugestão animou a todas.

Ela estava longe de presumir que Euphrosine não conhecesse uma ciranda sequer!

Mas era verdade; a Senhorita de Pouffard passara a vida sendo mimada em sua rica ociosidade, como um lagarto ao sol.

O que ela sabia fazer? Não sabia estudar, nem tocar, nem pensar! Nada!

A noite havia chegado; os caçadores voltaram, mas haviam explorado mais os arredores do que de fato perseguido os animais, para grande pesar do Marquês de Pouffard, que atirava bem, e dos Senhores Ganachon de Volembois e Pompilius d'Écorchoison, que, felizmente, atiravam mal.

Embora não houvesse cumprido sua palavra perante os convidados, o Marquês estava radiante.

Isso porque ele havia encontrado, na estrada principal do bosque, um príncipe, um príncipe de verdade que viajava disfarçado, e o levou para o castelo. O príncipe consentira gentilmente em passar alguns dias ali, apesar dos numerosos compromissos que o aguardavam em Paris.

Era um príncipe russo de passagem pela França, seu nome era Oscar, Duque de Sadoga, e precisava levar de volta imensas obras literárias e científicas, o que exigia que se encontrasse com inúmeros autores e estudiosos.

O príncipe Oscar, Duque de Sadoga, já tinha certa idade; era calvo no topo da cabeça e tinha olhos cinzentos muito inteligentes, mas que, quando lançavam sua luz singular, ao invés de revelarem o pensamento, deixavam ver apenas um clarão aluado que brilhava muito, e era tudo.

Suas maneiras eram agradáveis e educadas; seus trajés estavam descuidados como seria de se esperar de alguém que viaja sozinho pela primeira vez, e, embora suas roupas fossem perfeitas, os sapatos deixavam muito a desejar.

Isso não deixou de perturbar o Marquês, que gostava muito de príncipes! Mas como oferecer um par de botas a um personagem tão ilustre?

O Marquês esperava que a inspiração chegasse a qualquer momento e, enquanto aguardava, apresentou seu hóspede à Senhora de Pouffard, que quase caiu para trás.

Desta vez, Paul e seus amigos riam a plenos pulmões: já nem falavam mais em enviar suas desculpas no dia seguinte.

Os Senhores Ganachon de Volembois e Pompilius d'Écorchoison competiam em seu zelo pelo príncipe.

As Senhoras de Bêtenville e de La Truffardière exibiam os mais amáveis sorrisos.

Rose André, Noémi e Céline achavam que o Duque Oscar de Sadoga parecia demais um príncipe de ocasião para que lhe oferecessem um par de botas.

Resumindo, o príncipe era amável, espirituoso, os motivos que deu para a viagem pareciam razoáveis e, para os fisionomistas, não podia ser um ladrão. Em seu rosto predominavam os traços da honestidade.

Paul Martin afirmou que a mania por viagens do *sujeito*, era assim que ele chamava irreverentemente o *príncipe*, o havia levado muito longe; e destacou, além disso, que seu título de doutor em medicina não impressionava nem um pouco o Duque de Sadoga.

Enquanto isso, toda a casa havia sido revolucionada, o salão estava enfeitado com murais; a cozinha parecia ter dois ou três fornos, de tantas assadeiras que entravam e saíam dela. Todos os empregados iam e vinham com uma frequência ainda maior que no dia anterior.

A Senhorita Euphrosine de Pouffard, com suas belas mãos, apresentou ao príncipe um par de sapatos, o mais belo que pôde encontrar, para que ele pudesse relaxar da viagem; e o Marquês viu, com alegria, que Sua Alteza dignou-se a aceitar, pois ele não havia encontrado nada melhor do que enviar sua filha, a quem, pensou, nada podia ser recusado.

A Senhorita de Pouffard, que pretendia perguntar ao Duque de Sadoga como alguém conseguia se tornar um príncipe, foi encantadora com ele.

Depois do jantar, uma vez que o príncipe disse que gostava das diversões do campo, todo o vilarejo foi convidado a refrescar-se e a dançar sob as árvores.

O irmão do professor, que era meio músico, mandou buscar seu violino e tocou com grande entusiasmo antigas danças francesas; a farândola provençal; a pastorela dos trovadores; a gavota das montanhas; a sarabanda espanhola.

Estavam prestes a começar a *bourrée* d’Auvergne, contra a qual a Senhora Marquesa de Pouffard teria gritado se o príncipe não houvesse declarado que só gostava das danças populares das províncias. Não se podia dizer nada contra uma opinião tão elevada.

As Senhoras de La Truffardière e de Bêtenville e os Senhores Ganachon de Volembois e Pompilius d’Écorchoison dançavam com entusiasmo.

A Senhorita Euphrosine também dançava. Paul e seus amigos pareciam estar dançando, mas era para esconder que estavam rindo como loucos.

O violino do professor estava tão alegre que parecia estar rindo também.

Um grito de surpresa escapou de repente de todas as bocas.

Uma tropa de pessoas armadas havia invadido o lugar.

Haviam encontrado o rastro de um pobre louco, que fugira de uma casa de repouso há poucos dias, graças às roupas

que afanara de um dos funcionários. O homem, geralmente bastante calmo, apesar de sua loucura por viagens e de imaginar ser um príncipe, estava sujeito a alguns acessos de extrema violência.

Era Sua Alteza, o Duque Oscar de Sadoga, que foi enviado de volta à sua casa de repouso.

Que reviravolta nos acontecimentos! A Senhora de Pouffard adoeceu subitamente; os convidados, portanto, não precisaram de uma desculpa para encerrar todas as comemorações naquela noite.

Todos estavam desapontados, exceto o pequeno grupo de convidados zombeteiros.

A Senhora de Pouffard se restabeleceu, mas continuou entristecida durante muito tempo. O Senhor Marquês abandonou a caça e o museu dos seus ancestrais, e Rose André foi obrigada, para consolá-los, a dizer que haviam ganhado mais do que perdido com aquela aventura.

Pois a Senhorita Euphrosine, um pouco envergonhada, muito desiludida e inspirada pelo exemplo de Céline, com quem Rose ainda ficou por alguns dias, e da pequena Noémi, que foi estudar com ela... bem, a Senhorita Euphrosine, digamos, havia finalmente começado a se instruir: *porque sempre é possível agir corretamente, e não há lagarta tão feia que não se transforme em uma linda borboleta.*

QUEM FEZ ESTE LIVRO

Adriana Zavaglia

Tradutora (livre e juramentada), professora de Tradução/Francês no Departamento de Letras Modernas (DLM) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) e coordenadora do Laboratório de Estudos da Tradução. Já perdeu a conta de suas interpretações e traduções, e seu interesse nesse domínio vai de carteiras de vacinação a poemas.

Ana França

Capixaba e mineira, é formada em Comunicação Social pela UFMG, possui especialização em Literatura pela PUC-Rio e atua nas áreas de tradução, cinema e literatura. Em tradução, trabalha com as línguas francês e inglês a partir de diversos materiais, como filmes, artigos acadêmicos, livros teóricos e literatura. Atua junto ao Coletivo Sycorax.

Carla M. C. Renard

Tradutora, mestre em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos do Francês (DLM/FFLCH/USP), é membro do Laboratório de Estudos da Tradução (LET) e da Société française des traducteurs (SFT). Traduziu, entre outros, Andrée Chedid, Jules Verne e Mark Twain (no prelo). Colaborou com o site “Mémoires de guerre” (Universidade de Caen).

Caroline Micaelia

Tradutora e doutoranda em Letras Estrangeira e Tradução pela USP, com pesquisa sobre Stéphane Mallarmé, financiada pela FAPESP (Processo n° 2019/262456, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). É membro do Grupo de Estudos Tradução em Relação (FFLCH-USP).

Gabriel Kerhart

É poeta, integrante do grupo Riverão. Vende livros, faz oficinas e trabalha como designer. Participou das exposições GIL70 e TOM ZÉ 80. Publicou nas revistas: Artéria, Errática, Circuladô.

Luciana Carvalho Fonseca

Tradutora, intérprete e professora no Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo. Atua na graduação e na pós-graduação em Letras e Tradução. Seus temas de pesquisa são tradução na intersecção entre poder e militância e ativismo, tradução feminista, tradução coletiva e historiografia da tradução. Coordena o Grupo de Estudos, Pesquisa e Ação em Feminismos, Gênero e Tradução e o projeto Mulheres Tradutoras do Século XIX, ambos na USP.

Maria Teresa Mherab

Tradutora e doutoranda em Estudos da Tradução pela USP (bolsista CNPq). É cocoordenadora do Grupos de Estudos, Pesquisa e Ação em Feminismos, Gênero e Tradução e membra do Grupo de Estudos Tradução em Relação, ambos da FFLCH-USP. Já traduziu, entre outras/os, Eleanor Marx, Sylvia Pankhurst, Liudmila Stal, Maria Mies, Silvia Federici e Internacional Situacionista. É colaboradora do Coletivo Sycorax.

Monthana Dias

É formada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e graduanda em Letras Português-Francês pela Universidade de São Paulo. Tem uma Iniciação Científica em andamento, com o título “Discurso e Silêncio: Hipólito de Eurípides e Phèdre de Racine”, e teve recentemente seu primeiro contato com tradução nas disciplinas da graduação.

Renata Tonini Bastianello

Doutoranda em Letras Estrangeiras e Tradução pela Universidade de São Paulo (PPG-LETRA, bolsista Capes), tradutora e professora de língua francesa e membro do Laboratório de Estudos da Tradução (LET). Tem experiência nas áreas de Tradução Técnica, Terminologia, Lexicografia e Linguística de Corpus.

Sabrina M. Aragão

É professora do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina. Atua como tradutora e pesquisadora na área de Estudos da Tradução e coordena projetos de pesquisa e extensão sobre formação de tradutores, tradução de linguagens multimodais e a relação entre língua, cinema e cultura.

Shisleni de Oliveira-Macedo

É tradutora no Coletivo Sycorax, mestre em Antropologia Social, pela Universidade de São Paulo e mestre em Estudos Feministas e de Gênero, no programa Genre(s), pensées de la différence, rapports de sexe, da Universidade Paris 8 - Vincennes-Saint Denis. Pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Marcadores Sociais da Diferença (NUMAS - FFLCH-USP) e do Centro de Estudos Periféricos (CEP - Unifesp-Instituto das Cidades).

Sofia Villela Borges

Formada em Arquitetura e Urbanismo pela Escola da Cidade em São Paulo, atualmente trabalha com direção de arte e se dedica à produção gráfica e ilustração. Capixaba de coração e paulista de praxe.

Vanessa Dalcanal

Administradora, especialista em Gestão da qualidade pela Universidade Federal Fluminense. Foi responsável pela gestão administrativa financeira de convenções de subvenção internacionais em parcerias públicas e privadas para realização de objetivos comuns em alianças nacionais em projetos de impacto social. É tradutora colaboradora do Coletivo Sycorax.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Michel, Louise, 1830-1905
Contos e lendas [livro eletrônico] / Louise
Michel. -- São Paulo : Ema Livros, 2021.
PDF

Vários tradutores.
Título original: Contes et légendes
ISBN 978-85-67695-10-5

1. Contos - Literatura infantojuvenil 2. Lendas -
Literatura infantojuvenil I. Título.

21-96218

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura infantil 028.5
2. Contos : Literatura infantojuvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

A versão em formato digital desta tradução está disponível para download gratuito em PDF no site da Ema Livros (www.emalivros.com.br) de acordo com a licença Creative Commons 4.0 (BY-NC-ND).

A licença Creative Commons 4.0 (BY-NC-ND) permite a usuárias e usuários usar, distribuir, remixar, adaptar e criar a partir do material em qualquer meio ou formato, mas apenas para fins não comerciais e contanto que os devidos créditos sejam dados ao titular da licença. Se a usuária ou usuário remixar, adaptar ou criar a partir do material, deverá licenciar o material modificado por meio da mesma licença Creative Commons 4.0 (BY-NC-ND).

